

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Dança-Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

**O *Bullying* nas aulas de Dança das escolas
públicas de Pelotas-RS**

Karina Badia Fonseca

Pelotas, 2019

Karina Badia Fonseca

**O *Bullying* nas aulas de Dança das escolas
públicas de Pelotas-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança da universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Robson Teixeira Porto
Coorientadora: Profa. Flávia Marchi Nascimento

Pelotas, 2019.

Agradecimentos

Agradeço e dedico este trabalho à minha mãe Marisa, meu exemplo de força, de coragem e de mulher guerreira. Ao meu pai Vilson por sempre me cuidar, me fazer chás e me apoiar. A minha irmã Pamela por estar sempre ao meu lado, me incentivando a não desistir dos meus sonhos desde a escolha do curso até a conclusão deste trabalho, sem ela nem este trabalho existiria. Agradeço também ao meu noivo Filipe por compreender meu estresse e ter paciência comigo em todo final de semestre e por me acompanhar durante essa trajetória. Sou imensamente grata vocês, amo todos.

Agradecer a Deus, ao Universo e aos meus anjinhos da guarda por me protegerem nessa caminhada longa, difícil e cheia de obstáculos.

A minha orientadora Flavia de TCC1 por me incentivar na escrita desde trabalho e a tomar decisões. Ao meu orientador Robson de TCC2 por ajudar a finalizar este trabalho, me mostrando caminhos e por ter muita paciência comigo. Obrigado por fazerem minhas ideias se tornarem realidade.

As minhas entrevistadas, por aceitaram participar, pois sem elas este trabalho não existiria; obrigado pela troca e pelas reflexões.

“Chega, já basta, não suporto mais não
Por que tanta indiferença e discriminação?
Deus fez o ser humano a sua imagem e semelhança
Então me diz o porque de tanta ignorância
Não sou melhor nem pior que você
A diferença tá só no coração, pode crê
Amor, compaixão, humildade
É isso que tem que entender a humanidade
Pra que possa existir menos a maldade
Diga não ao *bullying* e a discriminação
Se somos filhos do mesmo pai, somos todos irmãos.”

Bullying- Rajada verbal MC's

RESUMO

FONSECA, Karina Badia. **O *Bullying* nas aulas de Dança das escolas públicas de Pelotas**. 2019. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Curso de Licenciatura em Dança, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas - RS, 2019.

O presente estudo foi desenvolvido como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Dança. Tendo como o objetivo investigar se existem casos de *Bullying* nas aulas de Dança das escolas públicas de Pelotas/RS, e diagnosticar se os professores de Dança percebem essa prática e como lidam com isso em sala de aula. Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo de cunho qualitativo. Teve como sujeitos de pesquisa professoras de Dança, atuantes na rede pública de educação e formadas em Dança - Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, os dados foram coletados através de uma entrevista semi- estruturada. Foi constatada por este trabalho a existência de *Bullying* nas escolas públicas de Pelotas, sendo utilizado o diálogo como principal método para solucioná-lo. Além disso, ficou evidenciado neste trabalho que, embora os profissionais pesquisados tivessem conhecimento acerca do tema, se sentem, muitas vezes, despreparados para lidar com a problemática. Assim, sugere-se que sejam realizadas campanhas e programas de capacitação nesta área.

Palavras-chave: *Bullying*; Dança; Escola.

ABSTRACT

FONSECA, Karina Badia. **Bullying in the Dance Classes of the Pelotas Public Schools**. 2019.69f. Graduation paper on the major of Dance at the Universidade Federal de Pelotas (UFPel), in Pelotas - RS, Brasil, 2019.

The present study was developed as a requirement to obtain the Degree of Dance Degree. It aimed to investigate the existence of Bullying cases in the dance classes of public schools in Pelotas - RS, as well as to find out if professionals who work in schools feel empowered to deal with them. This research is characterized as a qualitative descriptive study. It had as a sample dance teachers, all acting in the public education network and graduated in Dance degree at the Universidade Federal de Pelotas, the data were collected through a semi-structured interview. It was verified by this work the existence of Bullying in the public schools of Pelotas, being used the dialogue as the main method to solve it. In addition, it was evidenced that although the professionals surveyed had knowledge about the subject feel unprepared to deal with it. Thus it is suggested that campaigns and training programs be carried out in this area.

Keywords: Bullying, Dance, School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei das Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional Bolsas de Iniciação a Docência
PRG	Pró-Reitoria de Graduação
RS	Rio Grande do Sul
TAG	Transtorno de Ansiedade Generalizada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TERPT	Transtorno de Estresse Pós Traumático
TOC	Transtorno Obsessivo Compulsivo
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Categorias 32

Sumário

Meus Caminhos.....	10
2. Contextualizando o <i>Bullying</i>	14
2.1 Dança na Escola: A importância desta linguagem no ambiente escolar.....	14
2.2 O perigo nas escolas chamado <i>Bullying</i> e as variações dessa vilania.....	18
2.3 Personagens do <i>Bullying</i> e as diversas reações frente essa tragédia.....	20
2.4 A escola no contexto <i>Bullying</i> : Os professores e a violência escolar.....	24
3 Caminhos metodológicos.....	29
3.1 Caracterização da pesquisa.....	29
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	31
3.3 Coleta de dados.....	31
3.4 Análise dos dados.....	31
4. <i>Bullying</i> na Escola: desafios dos professores de Dança	34
4.1 <i>Bullying</i> na Escola: compreensão e prevenção.....	34
4.2 <i>Bullying</i> na Escola: Identificação e ação docente	37
Considerações Finais.....	40
Apêndices.....	46

1. Meus caminhos

Quando criança minha brincadeira preferida era “brincar de escolinha”; sujava toda a porta do meu quarto com anotações que fazia com giz para meus alunos, que eram meus ursos e bonecas, copiarem. Desde então, a vontade de ser professora só aumentou.

Quando estava na quarta série, foram doados alguns livros na escola de inglês da minha irmã, os quais ela utilizava para me ensinar em casa. Aproveitei a oportunidade de experimentar a docência e pedi a diretora da escola para ministrar aulas de inglês para minha turma no turno inverso ao que estudávamos.

E assim, comecei minha primeira turma, onde substituí o quarto pela sala de aula, assim como a porta pelo quadro negro. Não era mais brincadeira e foi assim que percebi que desejava ser professora.

Alguns anos mais tarde, chegou o sonhado momento de se inscrever no vestibular. Eu sabia que queria ser professora, mas não o que ensinar, pois tinha dificuldade com o Português e a Matemática não me inspirava. Contudo, existiam outras áreas que despertavam o meu interesse.

Quando entro no site do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para fazer a inscrição, não havia escolhido o curso que faria, apenas sabia que seria uma Licenciatura. A primeira opção era Educação Física, pois sempre gostei de esportes, inclusive joguei no time da escola, a segunda era Artes Visuais, pois lembrava do quanto gostava dessas aulas no tempo de Escola.

Então, fiz a inscrição e coloquei essas duas opções, mas continuei pesquisando no site e decidi olhar cada curso que a Universidade oferecia. Dessa forma, conheci o curso de Dança Licenciatura e foi amor à primeira vista.

No tempo de escola, era a primeira a pedir o rádio no recreio e reunir os colegas para dançar as músicas que faziam sucesso na época, ou para apresentar uma coreografia nas festividades da Escola. Também participei de oficinas de Dança Gaúcha onde estudava e de aulas de Dança de Salão no meu bairro. A dança de

alguma forma já fazia parte da minha vida, e passou a ser a primeira opção no ENEM. Assim, me tornei caloura no curso de Dança - Licenciatura em 2015.

No curso de Dança Licenciatura me permiti experimentar diversos gêneros dessa linguagem artística nos laboratórios práticos, que integram o currículo dessa graduação. Também tive a oportunidade de experienciar Dança de Salão em um estúdio de Pelotas, onde atuava como monitora¹. Além disso, realizei um estágio não obrigatório na Pró-Reitoria de Graduação (PRG) da universidade e atuei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas Iniciação à Docência (PIBID), onde reafirmei o desejo de seguir a carreira docente, o que me fez refletir sobre o tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que desejava pesquisar: o *Bullying* na escola.

Esse tema me remete a um emaranhado de memórias do tempo de Escola, quando era uma estudante da rede pública de ensino, convivia diariamente com o *Bullying*, sendo que eu era um dos sujeitos que o praticava, por falta de conhecimento acerca das suas implicações. Na época, havia pouco conhecimento sobre o assunto, meus colegas e professores, compreendiam apenas como uma brincadeira.

A **justificativa** de pesquisar sobre este tema são as marcas deste ato que carrego até hoje, assim como o fato de ter presenciado essa violência quando era bolsista do PIBID. Apesar do tema ser amplamente discutido na mídia, ainda é pouco problematizado no ambiente escolar.

Dentre os tipos de violência, o *Bullying* escolar vem aumentando de modo alarmante. É possível presenciar em jornais e telejornais casos de violências entre estudantes, agressões verbais e físicas, onde muitas vezes, algum tipo de arma é utilizado. Todavia, o *Bullying* não é exclusivo do meio escolar, para Silva (2010), ele faz parte das relações humanas, ocorrendo em diversos setores da sociedade de modo geral.

Lopes (2005), conceitua *Bullying* como todo tipo de agressão moral, verbal e física que ocorre repetidamente e intencionalmente. Este tipo de violência não é restrita a um país ou região, mas já toma proporções mundiais, assim como sua

¹ Designação utilizada para denominar o ajudante de um professor de Dança de Salão que atuam em academias e escolas de Dança.

existência que não se restringe aos dias atuais; o *Bullying* sempre existiu porém, atualmente os números de casos estão cada vez maiores e os crimes mais cruéis.

Reforça-se que, este tipo de violência não é exclusiva no âmbito escolar, podemos encontrá-lo na internet ou até mesmo na família, onde as crianças vivenciam seu primeiro contato com a sociedade de maneira mais intensa e contínua, transformando a escola, deste modo, em uma micro sociedade, sendo estabelecidas relações afetivas-sociais.

As relações que acontecem na escola, que deveriam sempre ocorrer com respeito mútuo e visando o bem comum, muitas vezes, não acontecem, tornando assim a Escola um ambiente não favorável para determinados grupos de alunos, os quais sofrem perseguições por não serem considerados dentro dos padrões “normais” pré-definidos por determinada pessoa ou grupo.

Além de ser prejudicial na educação e no desenvolvimento da criança, pode acarretar vários problemas para os sujeitos envolvidos, como a queda no rendimento escolar e distúrbios de saúde, tornando-o não só um problema educacional, mas também de saúde pública.

E quais são as relações entre o *Bullying* e a Dança? A dança é, ou deveria ser, uma prática acolhedora da diversidade, pois acreditamos que qualquer pessoa pode dançar, não importando o seu gênero ou seu porte físico.

Além disso, a Dança na escola pode ser uma forma de expressão, linguagem não falada em que, os alunos tenham a possibilidade de expressar o que pensam. Neste sentido, “A história da dança, em especial no último século, evidencia a característica de transgressão, por seu caráter transformador em favor a liberdade de expressão” (BERTOLDI; MARCHI, 2004, p.3)

Sendo assim, este estudo além de ser significativo para mim, também é relevante para a comunidade escolar pela recorrência de casos presentes na Escola. Como uma professora em formação e, anteriormente, como um dos sujeitos do *Bullying*, compreendo este estudo como uma oportunidade de conhecer mais sobre o assunto, bem como partilhá-lo com a comunidade acadêmica.

O *Bullying* existe há muito tempo, porém, pela falta de conhecimento das suas implicações, é pouco abordado e discutido, sendo apenas enxergado como uma brincadeira de mau gosto e não como uma violência.

Ainda, os casos de *Bullying* só tem aumentado o que mostra a necessidade de estudos com esta temática, para que assim, ele possa ser apresentado e

compreendido e a partir desta compreensão, seja criado meios de intervenções que permitam as escolas se tornarem ambientes saudáveis, favorecendo o aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Assim, esta pesquisa tem como tema o *Bullying* nas aulas de Dança nas escolas públicas e levanta a seguinte questão norteadora: **Como os professores de Dança da escola identificam e lidam com *Bullying* em sala de aula?**

Assim este estudo tem como **objetivo geral**: investigar se existem casos de *Bullying* nas aulas de Dança das escolas públicas de Pelotas – RS e diagnosticar se os professores de Dança percebem essa prática e como lidam com isso em sala de aula, tem como **objetivos específicos**: conhecer o entendimento dos professores acerca do *Bullying*, compreender se/como identificam os casos de *Bullying* e identificar como os professores lidam com os casos de *Bullying* na Escola. O estudo, cuja a natureza é qualitativa, se deu através de uma entrevista semiestruturada com professoras, formadas em Dança-Licenciatura, atuantes em escolas públicas.

O estudo está organizado em cinco capítulos da seguinte forma: o segundo capítulo traz uma breve discussão sobre a dança no contexto escolar e suas contribuições no currículo escolar; a história do *Bullying* e como se deu sua nomenclatura; os sujeitos do *Bullying*; as consequências que a prática desta violência pode causar nos seus personagens e o *Bullying* no âmbito escolar; no terceiro capítulo está descrita a metodologia utilizada para a realização deste estudo, no são apresentados os dados, e no quinto as considerações finais.

2. Contextualizando o *Bullying*

2.1 Dança na escola: a importância desta linguagem no ambiente escolar

Ontem, a dança...
 pulsando nos ritos, nas festas, celebrações
 deslizando nos salões,
 nos bailes da corte
 flutuando nos palcos,
 entre as névoas e a leveza dos romances
 gritando a dor, a liberdade,
 os mistérios da vida,
 da morte.
 Hoje, a dança...
 por toda a parte
 por todo e nenhum tempo-espço
 por ser experiência
 cotidiano
 arte
 por não ser nada
 o tudo que me habita.
 Algum dia, o ensino de dança...
Débora Barreto

O componente curricular Arte na Educação Básica prevê quatro linguagens artísticas, sendo uma delas a Dança. Sua inserção na Escola já é obrigatória no currículo escolar segundo a Lei das Diretrizes Bases (LDB) 9394/96 e com uma reformulação para lei 13.278/16.

Antigamente, a Dança estava presente na sociedade apenas como livre expressão e em ritos de adoração (VERDERE, 2009). Todavia, ela foi assumindo novos significados que colaborou para o seu desenvolvimento enquanto arte-

educação. Dessa forma, ela é compreendida como uma área de estudo e conhecimento, está dentro da escola como uma manifestação artística (FERRARI, 2003).

A prática pedagógica da Dança pode resgatar, de um jeito espontâneo, as manifestações expressivas da nossa cultura contribuindo assim para um maior interesse discente pela aprendizagem dessa arte.

No entanto, é importante que a prática da Dança com objetivo educacional tenha início nos anos iniciais da vida escolar. Steinhilber (2000, p.8) acrescenta: "Uma criança que participa de aulas de dança [...] se adapta melhor aos colegas e encontra mais facilidade no processo de alfabetização".

Nesta perspectiva, Pereira *et al* (2001, p.61) afirma que:

A dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, podem-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.

Com isso, entendemos que a Dança na Escola objetiva educar através da arte e não, apenas, com o movimento virtuoso. O ensino dessa linguagem artística se configura como uma possibilidade para se atingir um dos alvos da Educação, que são os aspectos sócio-afetivos dos alunos. Assim, esta prática, propicia ao educando transformações internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, ao jeito de se expressar e pensar.

A expressão corporal, como aporte da aprendizagem, emprega o corpo em movimento, instigando a expressão de sentimentos e emoções que ajudam na integração social no âmbito escolar, Mallmann e Barreto (2012, p.1) ressaltam, "A Dança e os movimentos expressivos contribuem para auto-estima, valorização pessoal, satisfação de aprender a aprender e que oferecem, por isso mesmo uma melhor qualidade de vida à criança".

Por outro lado, para Mallmann e Barreto (2012) a Dança está na Escola para contribuir no desenvolvimento motor e cognitivo das crianças que estão recém iniciando seu processo de escolarização, bem como melhorar a qualidade de vida dos alunos, além de contribuir para o aumento da auto-estima e valorização pessoal

A dança é tátil porque se sente o movimento e os benefícios que produz no corpo. É visual porque os movimentos vistos são transformadas em atos. É

auditiva porque se ouve a música e se domina ritmo. É afetiva porque a emoção e os sentimentos são demonstrados nas coreografias. É cognitiva porque é preciso raciocinar para adequar o ritmo a coordenação. Finalmente, é motor porque estabelece um esquema corporal.(MALLMANN, BARRETO, 2012, p.2)

Segundo Barreto (2004), através da Dança a criança adquire maior domínio do seu corpo, ampliando e aperfeiçoando suas possibilidades de movimentação e desvendando novos espaços e formas, ao mesmo tempo que supera suas limitações para enfrentar novos desafios relacionados aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos.

Através da Dança na Escola, a criança tem seu primeiro contato com a sociedade, o que revela a potência do seu corpo, não apenas para expressar suas emoções, mas para a sua integração com o grupo, que por meio da Dança acontece de forma mais natural e espontânea.

Além de ajudar no desenvolvimento motor a Dança desenvolve a criatividade e contribui no processo de aprendizado discente.

A dança atende às necessidades naturais das crianças em termo da expressão e comunicação de suas ideias, da compreensão do conhecimento delas próprias e do mundo em que vivem, e da ampliação de suas habilidades motoras. (CONE, 2015, p.9)

Pela Dança, a criança é capaz de demonstrar aquilo que pensa, explorar os seus conhecimentos e capacidades, da maneira mais espontânea possível, pois pode se expor por completo. No contexto escolar, é importante que o ensino de Dança tenha como prioridade o respeito com o corpo e a liberdade de expressão de cada aluno. Da mesma forma, que o incentivo da criatividade na aquisição de sua autonomia, assim como experimentos com o corpo dançante estejam contemplados na prática pedagógica.

É importante ressaltar que combinar interesses e provocações corporais num ambiente que integre as crianças, as suas emoções, bem como a outras pessoas ao mundo, proporcionam benefícios aos discentes, que vão desde a melhoria da sua autoestima, ao combate ao estresse e a depressão, até o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa.

Segundo Marques (2003) a Dança na Escola não deve priorizar um ensino centrado exclusivamente nas técnicas existentes, em padrões técnicos impostos, gerando uma competição entre os alunos. Deve-se partir do pressuposto de que o

movimento é a expressão e comunicação do aluno, tendo como objetivo desenvolver que ele se torne um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de se expressar em linguagens diferentes, desenvolvendo a auto expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.

A Escola deve estar compassiva as vivências corporais que cada aluno traz consigo, possibilitando que os conteúdos ensinados sejam mais significativos. Tendo em vista que, a educação por meio da Dança possibilita a formação de cidadãos mais autônomos e críticos. Ao ser inserida ao currículo escolar tem como foco oferecer ao aluno uma relação mais efetiva com a possibilidade de aprender e se expressar de forma mais criativa através de seus movimentos.

Nesse sentido Mallmann e Barreto (2012, p.8) corroboram: “A dança aplicada à Educação não visa formar bailarinos nem escolarizar a Dança, mas proporcionar à criança um contato mais afetivo e intimista com a possibilidade de expressar suas emoções através do movimento”.

Cunha (1992, p.13) também ressalta a importância do ensino de Dança na Escola: “Acreditamos que somente a escola, através do emprego de um trabalho consciente de Dança, terá condições de fazer emergir e formar um indivíduo com conhecimento de suas verdadeiras possibilidades corporal-expressivas”.

Vargas (2003, p.13) completa que a atividade da Dança na Escola engloba a sensibilidade e conscientização dos alunos tanto para suas atitudes, costumes, gestos e ações diárias quanto para as necessidades de expressar, participar, criar, compartilhar e interagir na sociedade.

Segundo Ferreira (2005) Consciência e expressão corporal, dança escolar ou dança simplificada é para todos que se interessam em uma dança que não tenha restrição de idade, preparo físico ou corporal, flexibilidade, postura e desenvoltura. A dança na escola se propõe em trabalhar aspectos relacionados a cada um, dentro dos limites e possibilidades de cada aluno.

2.2 O perigo nas escolas chamado *Bullying* e as variações dessa vilania

Tire suas mãos de mim,
Eu não pertenço a você,

Não é me dominando assim,
 Que você vai me entender,
 Eu posso estar sozinho,
 Mas eu sei muito bem aonde estou
 (...)

Será só imaginação?
 Será que nada vai acontecer?
 Será que é tudo isso em vão?
 Será que vamos conseguir vencer?

SERÁ- Renato Russo

O *Bullying* está presente no meio escolar há muito tempo, de acordo com Silva (2010, p.3), “o comportamento agressivo, repetitivo e intencional direcionado a um alvo em específico, denominado *Bullying*, não é um fenômeno raro nem novo.” . Contudo, estudos relacionados ao tema apenas surgiram a partir de 1980 com o professor Dan Olweus da Universidade de Bergen, que fica localizada na Noruega. Este assunto não tinha muita relevância, até o suicídio de três adolescentes, entre 10 e 14 anos, que despertou o interesse, por estarem relacionadas com casos extremos de *Bullying*.

De acordo com Lopes (2005); Francisco e Libório (2008), o primeiro estudo feito por Dan Olweus e Roland, revelou que a cada sete estudantes um está envolvido com *Bullying*. A partir dessa primeira pesquisa, foi desenvolvida uma campanha Nacional *Anti-Bullying na Noruega*, que fez com que os casos existentes caíssem pela metade. Com o passar dos anos, outros países como Estados Unidos, Espanha e Portugal começaram a fazer pesquisas sobre este tema. Alguns anos depois, essas pesquisas também começaram a ganhar força no Brasil.

De acordo com Silva (2010), *Bullying* é uma palavra de origem inglesa e não possui tradução para o idioma português, sendo empregada em estudos brasileiros. A expressão *Bullying*, vem de *Bully*, que traduzido para o português significa: indivíduo valentão, brigão, tirano. Sendo então, este termo um conjunto de atos violentos feito por um *Bully* contra um alvo ou vítima. Em trabalhos brasileiros, também é utilizado como sinônimo deste termo, violência entre pares ou vitimização.

De acordo com Catini *apud* Lima e Lucena (2009), alguns países não utilizam o termo *Bullying*, empregando palavras diferentes, porém sem perder o conceito original do termo:

Em países como Noruega e Dinamarca, surge a palavra *mobbing*; na Suécia e na Finlândia, aparece *mobbing*; na França, denomina-se *harcèlement quotidién*; na Itália, como prepotenza ou bulismo; no Japão *yjime*; na Alemanha, como *agressionen untel' shülern*; na Espanha, como no acaso *y amenanza* entre escolares; e em Portugal, como maus-tratos entre pares. (p. 8)

O *Bullying* é um tipo de violência que assim como outras, podem ocorrer dentro da Escola. É identificado como qualquer ato agressivo (verbal, físico ou virtual), que seja feita de modo intencional e que ocorra repetidamente contra um colega sem motivação aparente. Silva (2010, p.21) reforça este conceito “A palavra *Bullying* [...] é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar [...] todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores.”

Conforme Silva (2010) e Olibone (2008) este tipo de transgressão geralmente ocorre quando há um desnivelamento de poder entre os alunos, ou seja, aquele aluno que se sente mais forte acredita ter o poder sobre os demais, e assim maltrata quem ele acredita ser mais fraco.

Para Lopes (2005), esta relação de poder ocorre devido às diferenças de faixa etária, tamanho, desenvolvimento físico ou mental, assim como a popularidade dentro do grupo.

O *Bullying* pode se apresentar de diversas formas como agressão verbal e física além de danos ao patrimônio da vítima, isolamento entre outros. Silva (2010) confeccionou uma lista com os vários tipos de agressão que uma vítima pode ficar exposta. Para ele deve-se levar em consideração que para ser *Bullying* não é necessário que o alvo sofra todos os tipos presentes na listagem. Entre as agressões destacam-se: a verbal: insultar, fazer gozação, apelidos pejorativos e fazer piadas ofensivas. A agressão física e material: bater, chutar roubar, destruir pertences, atirar objetos contra a vítima. A agressão Psicológica e moral: irritar, humilhar, excluir, desprezar, discriminar, chantagear, perseguir, difamar, aterrorizar. Sexual: abusar, violentar, insinuar.

Além desses tipos de violência, o alvo, com os avanços tecnológicos pode ser assediado através dos meios eletrônicos, caracterizando o *Cyberbullying*, que diferente do *Bullying* acontece no mundo virtual, o que, muitas vezes, dificulta a identificação do agressor. As ofensas sofridas por uma vítima, agora podem ser vistas pelo mundo inteiro, através de vídeos e e-mails que circulam pela rede. Silva (2010) mostra que:

Os praticantes de *Ciberbullying* ou *Bullying* virtual utilizam, na sua prática os mais atuais e modernos instrumentos da internet e de avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação (fixa e móvel), com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas. (p. 126)

Os autores de *Ciberbullying*, através da internet e de celulares, espalham mensagens e vídeos difamatórios por todo mundo. Estes mesmos podem roubar ou clonar email ou redes sociais das vítimas para intensificar seus ataques, ou até mesmo criar contas em nome dos seus alvos com intenção.

Dentro deste contexto, a Escola, os professores e os pais têm como responsabilidade, fazer com que os jovens tenham consciência de que devem utilizar a internet de modo pacífico e responsável, de acordo com Silva (2010).

Para Pingoello e Horiguela (2009) o *Bullying* pode ser classificado em direto físico, direto verbal e indireto. O *Bullying* direto físico ocorre quando há violência corporal, como tapas, socos e empurrões, ou quando há depredação do patrimônio da vítima. O *Bullying* direto verbal ocorre quando o agressor difama, profere palavrões, utiliza apelidos pejorativos contra a vítima. E *Bullying* indireto quando a vítima é excluída do convívio do grupo, bem como quando espalhadas mentiras sobre ela com a intenção de denegrir sua reputação.

2.3 Personagens do *Bullying* e as diversas reações frente a essa tragédia

O que está acontecendo?

O mundo está ao contrário e ninguém notou

O que está acontecendo?

Eu estava em paz quando você chegou

(...)

O que você está fazendo?

Milhões de vasos sem nenhuma flor

(...)

O que você está fazendo?

Milhões de frases sem nenhuma cor...

RELICÁRIO – Nando Reis

Cada aluno dentro do contexto do *Bullying* sofre as consequências dele, desde à vítima ao agressor. A maneira como cada um enfrenta esse problema e o apoio recebido é o que faz a diferença na superação do mesmo.

Para Silva (2010) e Lopes (2005), a vítima ou alvo típico possui como característica a timidez, passividade, sensibilidade excessiva, pouca capacidade de reação diante a uma provocação, pouca habilidade motora e/ou intelectual. Algumas características, como cor da pele, obesidade, alguma deficiência, marcas aparentes, orientação sexual, nível sócio-econômico e religião.

A vítima ainda pode ser provocadora fazendo com seus colegas tenham reações agressivas contra ela, geralmente é uma pessoa impulsiva e com hiperatividade, que sem intenção causa tensão ao grupo. Segundo Silva (2010, p.40):

Elas, em geral, discutem ou brigam quando são atacados ou insultados (...). Sem perceberem, as vítimas provocadoras acabam “dando um tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos. Estes, por sua vez, se aproveitam dessas situações para desviarem toda a atenção para a vítima provocadora. Assim, os verdadeiros agressores continuam incógnitos em suas táticas de perseguição.

Há também a vítima agressora, que é aquelas que também sofrem *Bullying* e revida em outras vítimas ainda mais frágeis.

Segundo Bandeira e Hutz (2010) o agressor geralmente é mais forte e/ou mais velho do que a vítima, podendo ainda andar em grupos, sendo, geralmente, popular dentro do âmbito escolar. Ainda, o aluno pode estar associado a outros comportamentos anti-sociais, tais como: depredação de patrimônio e uso de drogas.

Para Lopes (2005) o agressor é menos satisfeito com a Escola e a família, Ainda, para este pesquisador, o autor do *Bullying* tende a repetir na escola a violência sofrida em casa. Por outro lado, acredita também, que características individuais contribuem para o comportamento agressivo.

Ainda, em relação ao agressor, Lopes (2005) evidencia que o aluno pode formar pequenos grupos, de forma, a diluir a responsabilidade dos seus atos entre os participantes. Os participantes deste grupo tendem a ser subordinados ao agressor e, no geral, fazem parte deste grupo por medo de se tornarem vítimas.

De acordo com Silva (2010) e Oliboni (2008) a testemunha ou espectador é aquele aluno que assiste as agressões, mas não interfere por medo de represálias,

por não acreditar que possa ajudar ou apenas por descaso. Porém, quando este interrompe o silêncio e denuncia tende a acabar com a vitimização do colega. Conforme Oliboni (2008), o contrário também é verdade, o silêncio da testemunha pode aumentar o sofrimento da vítima, uma vez que o agressor se sente seguro para continuar praticando seus atos. Para Silva (2010):

Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria se omitem em face dos ataques de *bullying*. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal como a omissão de socorro diante de uma vítima de acidente de trânsito.

A testemunha, segundo Silva (2010) pode ser classificada em espectador passivo, aquele que não assume nenhuma reação diante do *Bullying*, não apoia o agressor, porém não possui coragem de defender a vítima. Há também o espectador ativo, aquele que não participa da ação violenta, mas apoia o agressor. E além destes, existe o espectador neutro que não demonstra nenhuma reação perante o *Bullying*, nem a favor nem contra.

Estudos relacionados ao *Bullying* mostram que há diferença de comportamento entre meninas e meninos e que os últimos estão mais propensos à agressão. Segundo Bandeira e Hutz (2010), as meninas quando praticam *Bullying* agem de maneira mais sutil que as crianças do sexo oposto, tanto que, antigamente, acreditava-se que este tipo de violência não era praticado pelo sexo feminino. É importante salientar que “a forma como o *Bullying* se apresenta nas meninas é muitas vezes despercebida, como se elas não fossem suspeitas de comportamento agressivo” (p. 134)

Em contraposição, Gine e Pozzoli *apud* Bandeira e Hutz (2010) não acreditam que exista diferença na incidência de casos entre meninos e meninas, mas sim na maneira como eles são praticados. De acordo com Bandeira e Hutz (2010, p. 134): “Os meninos tendem a utilizar a agressão física como empurrões, chutes e socos. Já as meninas utilizam formas mais indiretas de *Bullying*, como agressão verbal, insulto, mentira e fofocas”. De acordo com estes autores isso ocorre uma vez que as meninas dão mais importância a opinião de pessoas do mesmo gênero.

As relações diáticas e íntimas parecem mais importantes para as meninas que para os meninos. As meninas tendem a se importar mais com o retorno dos pares para formar seu autovalor, o que torna as adolescentes mais suscetíveis aos comentários em relação à aparência física. (BANDEIRA, HUTZ, 2010, p.134)

Segundo Milan (2009) no gênero feminino a violência aparece de maneira mascarada, uma vez que estas são criadas para serem boazinhas, com atitudes discretas e delicadas sem uma corporeidade violenta.

Segundo Silva (2010), o aluno que sofre *Bullying*, geralmente apresenta determinadas características, como a baixa autoestima, timidez e insegurança. Sendo assim, as agressões sofridas por ele, seria um agravante para estas características.

Esta mesma autora, mostra que através do *Bullying*, a vítima pode desencadear problemas psicológicos como: transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada (TAG), depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo compulsivo (TOC) transtorno do estresse pós-traumático (TERPT). Além desses, em casos mais graves e raros, pode levar à esquizofrenia e ao suicídio.

Além dos transtornos psicológicos, é comum a vítima de *Bullying*, apresentar marcas pelo corpo, assim também: dores de cabeça e de estômago, cansaço crônico, insônia, tremores pelo corpo e desmaios. Estes são alguns transtornos físicos que podem acometer a vítima desta violência.

Ainda sobre as consequências vivenciadas pela vítima, Silva (2010, p.32), acrescenta que o *Bullying* “pode levar a quadros clínicos que exijam cuidados médicos e psicológicos para que sejam superados.”

Aquele que pratica o *Bullying* também sofre com ele, precisando, de apoio psicológico para superar o meio de violência no qual está inserido. Por outro lado, há aquele que demonstra, desde jovem, possuir desvio de conduta, outro tipo de transtorno que requer cuidados clínicos e apoio daqueles que o cercam. (SILVA, 2010).

Alguns estudiosos mostram que o praticante de *Bullying* geralmente está exposto a comportamentos de riscos, como a utilização de drogas e agressividade excessiva. (ABRÁPIA, 2005; LOPES, 2005). Ainda sobre o agressor a ABRÁPIA (2005, p.3) ressalta que: Aqueles que praticam *Bullying* contra seus colegas poderão levar a vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho.

Evidencia-se assim a necessidade de acompanhamento psicológico a este também. Além da vítima e do agressor, a testemunha destes atos também é

afetada, uma vez que convive com medo e a insegurança de se tornar uma nova vítima. Podendo ainda ficar deprimido e com a sensação de incapacidade por não conseguir ajudar a pessoa que está sofrendo a agressão (ABRÁPIA, 2005; Oliboni, 2008).

De acordo com Barros e César (2008)

[...] um ambiente escolar hostil e desequilibrado, poderá afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus educando. Um problema emocional decorrente de situação de violência desestrutura a pessoa reflete diretamente na aprendizagem instaurando sentimentos de medo, insegurança, as constantes ausências e posteriormente, a evasão escolar. (p.6)

Para Pingoello e Horiguela (2009) fatores como a queda de rendimento escolar, reação de estresse e baixa autoestima são recorrentes na vida dos envolvidos.

2.4 A escola no contexto *Bullying*: Os professores e a violência escolar

Chorei, não procurei esconder
 Todos viram e fingiram
 Pena de mim, não precisava
 Ali onde eu chorei
 Qualquer um chorava
 Dar a volta por cima que eu dei
 Quero ver quem dava
 (...)
 Reconhece a queda e não desanima
 Levanta sacode a poeira
 E da a volta por cima
VOLTA POR CIMA- Beth Carvalho

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) prevê no título II, capítulo IV, art. 53 que “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.”, porém o crescente aumento da violência escolar contribui negativamente para o que diz no art. 53 do ECA ocorra integralmente.

Francisco e Libório (2008) mostram que a violência escolar cresce em todos os níveis da Educação Básica: Infantil, Fundamental e Médio, ficando assim mais frequente no ambiente escolar independente da faixa etária.

Dentre os casos de violência, o que mais cresce é o *Bullying*, pois o mesmo acarreta prejuízos e sofrimento para aqueles que participam, assim como para os que se omitem. Cada aluno envolvido no contexto do *Bullying* sofre suas consequências, desde a vítima ao agressor.

Levando em consideração todos os transtornos gerados pelo *Bullying*, uma escola que não intervém nesses casos de agressão não está cumprindo com seu papel: de educar e formar cidadãos.

Para Olibone (2008) e Silva (2010) o *Bullying* por ser uma violência que, geralmente, não deixa marcas aparentes, torna-se de difícil identificação. E quando percebido, muitas vezes, é encarado como brincadeira da idade ou até mesmo uma fase, na qual as crianças precisam passar para amadurecer. Sendo mascarado por falsas brincadeiras, ele necessita de uma atenção maior por parte dos professores para seu descobrimento. De acordo com Olibone (2008), os educadores e pais não dão tanta importância ao *Bullying*; por não terem conhecimento da gravidade do mesmo.

Pereira apud Olibone (2008) segue ainda nesta lógica, mostrando a diferença de brincadeira para *Bullying*, que são três.

1. O mal causado a outrem não resultou de uma provocação, pelo menos por ações que possam ser identificadas como provocações.
2. As intimidações e a vitimização de outros tem caráter regular, não acontecendo apenas ocasionalmente.
3. Geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente) recorrem ao uso de arma branca, ou tem perfil violento ameaçador. As vítimas frequentemente não estão na posição de se defenderem ou buscar alívio.
(p.24)

O olhar mais atento dos pais e educadores pode contribuir com a diminuição desse tipo de violência, bem como, a conscientização dos prejuízos que pode gerar na vida dos envolvidos. Segundo Pingoello e Horiguela (2009) outro fator que contribui para não identificação do *Bullying* é a falta de informação dos professores acerca do tema, o que faz com que não sejam adotadas medidas eficazes para seu combate e prevenção.

Silva (2010) verificou que dois fatores dificultam a identificação do *Bullying*: a falta de conhecimento sobre o tema e o acúmulo dos casos pelas vítimas. Embora falte conhecimento acerca do tema por parte dos professores, Mascarenhas (2006) e Lobato (2005) notaram que os professores conseguem entender o significado deste termo.

Conforme Olibone (2008) e Silva (2010), o *Bullying* indireto é menos identificado pelos professores que o direto, uma vez que este não é tão perceptível quanto uma agressão física ou verbal.

A partir das pesquisas feitas no Brasil, para mapear o *Bullying* escolar, percebeu-se de acordo com estudos de Francisco e Libório (2008) que dentro da sala de aula ocorre 27.90% dos casos de *Bullying* e no recreio 28.60%. Porém, uma pesquisa feita pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência), em 11 escolas do Rio de Janeiro, mostrou que 60% dos casos ocorriam dentro da sala de aula, seguido pelo recreio com 16,1%. Através disto, percebe-se que mesmo com a supervisão de um responsável, a difícil identificação do *Bullying*, faz com que ele continue ocorrendo.

O estudo realizado pela autora Olibone (2008), destacou que além do *Bullying* ser de difícil identificação, quando os professores se preocupam apenas em transmitir conhecimento, isso facilita a ação dos agressores, como é mostrado no trecho:

[...] se os docentes centram suas aulas na transmissão de conteúdos, é muito provável que o aluno praticante de *Bullying* se sinta livre para agir, pois mostra diminuída a tendência de sofrer alguma repreensão frente seus atos. Já o aluno que é alvo pode se sentir desconsiderado em suas necessidades e aflições na escola, uma vez que não encontra em seu professor um recurso para interromper a violência do *Bullying*. (p.54)

A omissão dos professores em sala de aula vai ao encontro das pesquisas que mostram altos índices de ocorrência de *Bullying* dentro da mesma. Em Martins apud Francisco e Libório (2008) constata-se que “averiguou-se que a maioria dos jovens considera a possibilidade de contar com o auxílio dos professores.” (p.205), mas nem sempre encontram o apoio dos mesmos.

De acordo com Oliboni (2008), aqueles professores que estão dispostos a dialogar com os alunos tendem a conseguir resolver os problemas de conflitos entre estudantes na sala de aula. Nesse sentido, espera-se que o professor além de oportunizar a construção de conhecimento se preocupe em atender as necessidades

dos alunos com relação a esses conflitos. A rápida identificação do *Bullying* é necessária para a convivência sadia e o aprendizado do aluno.

Para Aquino (1998), a violência escolar se apresenta neste âmbito devido ao seu caráter reprodutivo advindo de outros locais tais como: política, família e mídia. Sendo assim, a violência sofrida ou presenciada pelos estudantes em outros locais seria incorporada no âmbito escolar.

Segundo Mascarenhas (2005), uma das principais medidas para a solução do *Bullying* é fazer com que o diagnóstico seja rotina no ambiente. Os professores e gestores escolares devem dar prioridade a isso.

Por outro lado, Silva (2010) acredita que:

Profissionais da escola precisam ser capacitados para observar, identificar, diagnosticar, intervir e encaminhar corretamente casos de *Bullying*. Cabe à escola também promover atividades que estimulem a cooperação, a prática da assertividade, a empatia, o altruísmo, a solidariedade e principalmente o respeito ao próximo. (p.16)

Segundo Milan (2009), os professores devem se comprometer mais com a educação, porém para isto é necessário o apoio da comunidade escolar em geral, assim como buscar auxílio do governo.

De acordo com Lobato (2005) em seu estudo, os professores apontam que quando presenciam casos de violência nas aulas tentam dialogar com os alunos, mostrando a importância do bom relacionamento.

O *Bullying* é uma violência que assim como outras pode ser julgada perante a lei, gerando danos morais e até mesmo patrimoniais, segundo Nascimento e Alkmin (2010).

O *Bullying* como comportamento ilícito e antijurídico gera danos, ou seja, lesa causa prejuízo à vítima da agressão... Qualquer que seja a natureza do dano (moral ou patrimônio) traz a correlata de reparar o mal causado (p. 2816)

Ainda, de acordo com os autores tanto a Escola quanto os pais podem ser penalizados pelos atos de *Bullying* cometidos por jovens menores de idade. Betti e Lima (2011) mostram em seu artigo publicado na Revista Veja um caso no Rio de Janeiro onde a vítima foi indenizada pela Escola por causa de *Bullying* sofrido durante a infância.

Segundo Francisco e Libório (2008), o aumento dos casos de *Bullying*, assim como a maior intensidade deles e a variedade de formas que ele se apresenta, fez com que aumentasse o número de estudos sobre o tema.

Através desses estudos, surgiram novos programas anti-Bullying, visando combater este problema.

No Rio Grande do Sul, em junho de 2010, foi aprovada e sancionada a Lei nº13.474 de 28 de junho de 2010, que faz com que as instituições educacionais existentes no Estado criem políticas *Anti-Bullying*. Esta lei, através de seus 7 artigos, define o que é *Bullying*, elenca objetivos a serem alcançados dentro das escolas, além de mostrar que para o seu sucesso faz-se necessário o apoio da sociedade. Logo, há uma mobilização para coibir essa problemática que com o apoio da sociedade poderá ser enfrentado e combatido.

3. Caminhos metodológicos

A metodologia utilizada em uma pesquisa é de suma importância, pois é através dela que será definido os processos a serem seguidos para se chegar ao fim proposto pela pesquisa. Para Fonseca (2002, apud GERHARDT e SILVEIRA 2009, p.12).

methodos significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Através deste capítulo serão expostos os processos seguidos para a realização deste estudo, que consistiram na construção do Estado da Arte e do Referencial Teórico a partir de leituras, coleta e análise dos dados da pesquisa.

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa surge após uma inquietação que surgiu durante a minha trajetória no curso de Dança - Licenciatura e que teve início após uma aula conduzida por mim no PIBID. Ao estar em sala de aula, no papel de professora, surgiram vários questionamentos com o tema da pesquisa e se fez assim a necessidade da realização da pesquisa, não apenas por fazer parte de um dos personagens desta tragédia ou atender estas inquietações que surgiram, mas também para transmitir as reflexões deste estudo para os licenciandos e licenciados em Dança, pois para mim, o tema é de suma importância por já ter vivido esta vilania no papel de agressor.

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razões práticas (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz). Para se fazer uma pesquisa científica, não basta o desejo do pesquisador em realizá-la; é

fundamental ter o conhecimento do assunto a ser pesquisado, além de recursos humanos, materiais e financeiros (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.12).

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, tendo como o objetivo investigar se existem casos de *Bullying* nas aulas de Dança das escolas públicas de Pelotas - RS, e diagnosticar se os professores de dança percebem essa prática e como lidam com isso em sala de aula.

Menga (1986) diz que na pesquisa qualitativa o pesquisador é o principal instrumento e a fonte direta da pesquisa é o próprio local a ser investigado, o autor ainda afirma que o pesquisador tem como objetivo produzir mais informações sobre um fenômeno para que o mesmo seja melhor compreendido através da investigação.

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.32)

O estudo iniciou com o estado da arte que é uma parte fundamental para o trabalho científico, pois através dele dá-se início às análises dos levantamentos bibliográficos que se somam à temática da pesquisa, contribuindo com ela, além de fazer com que o autor reflita sobre a investigação desenvolvendo novos conceitos e modelos, assim foi criado o referencial teórico.

Após a realização da pesquisa bibliográfica, se iniciou a pesquisa de campo, que se caracteriza pela investigação além da pesquisa bibliográfica, se realiza através de coleta de dados, como novos recursos de diferentes tipos de pesquisa. (FONSECA, 2002 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.37).

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa, que foram duas professoras de Artes/Dança, egressas do Curso de Dança - Licenciatura da UFPel e atuantes na rede pública de ensino de Pelotas foram convidadas para a participação na pesquisa através de email e telefone.

Foi entregue uma carta de apresentação da pesquisa. Logo após o aceite, foi entregue às entrevistadas o termo de consentimento livre e esclarecido.

No município de Pelotas/RS, há 3 professoras egressas do curso de Dança Licenciatura da UFPel que estão atuando na rede pública de ensino na disciplina de Artes/Dança, porém não se teve retorno de uma delas. Dessa forma a pesquisa foi realizada com duas professoras, uma atuante na educação de Jovens e adulto (EJA), atuando do 6º ano do fundamental ao ensino médio, em uma escola estadual e a outra professora, nos anos finais do ensino fundamental de 5º ao 9ºano, em uma escola municipal.

3.3 Coleta de dados

Para a coleta de dados, criou-se um roteiro que serviu de base para a entrevista semiestruturada, que segundo Triviños (1987, p.146) se caracteriza por questionamentos básicos que são amparados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. A partir das respostas dos entrevistados surgem novas questões. Assim, o foco principal seria direcionado pelo entrevistador. Para esse autor, a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

As entrevistas foram agendadas no local de trabalho das professoras gravadas e transcritas. Em seguida, criou-se uma metodologia de análise de dados inspirada na Análise de Conteúdo (1999), a qual será descrita a seguir:

3.4 Análise dos Dados

Os dados foram analisados a partir de uma metodologia inspirada na Análise de Conteúdo, que segundo Morais (1999) é uma metodologia que faz parte de uma investigação teórica e prática, com características e possibilidades próprias. Os elementos da Análise de Conteúdo pode se constituir de qualquer material que se origina de comunicação, seja ela verbal ou não, como jornais, revistas, livros, relatos auto-biográficos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos.

Após realizar as entrevistas, que foram gravadas e transcritas, foram realizados dois arquivos de texto (Apêndice 3), um para cada sujeito de pesquisa. Cada texto foi dividido em unidades de significado (Apêndice 4), para as quais foram atribuídas cores. Ainda, cada trecho do texto recebeu uma identificação. As perguntas foram identificadas com os números e letras, número para as respostas e letras para identificar as professoras. Por exemplo: o trecho identificado com a identificação (T5) se refere a entrevistada, cujo o nome começa com a letra T em resposta à questão 5.

Após a identificação de cada trecho realizou-se as primeiras aproximações entre as unidades de significados (trechos do texto), levando-se em consideração as cores, encontrando-se assim as seguintes categorias iniciais: Entendimento, Prevenção, Identificação, Personagens, Ação Docente. A partir das iniciais, realizou-se mais uma aproximação de ideias e encontraram-se as categorias intermediárias: Compreensão e Prevenção, Identificação e Ação docente e, em seguida, as categorias finais: Compreensão e Prevenção, Identificação e Ação Docente, em processo similar. De acordo com a tabela a seguir:

Tabela 1 - Categorias

CATEGORIAS		
Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categorias Finais
Compreensão	Compreensão e Prevenção	Compreensão e Prevenção
Prevenção		
Identificação	Identificação	Identificação e Ação Docente
Personagens		
Ação Docente	Ação Docente	

Após encontrar as categorias finais, construiu-se metatextos, referindo-se a cada uma dessas categorias, ou seja, o capítulo quatro se refere à análise dos dados das categorias finais, refletindo acerca dos dados, à luz do referencial teórico adotado na realização dessa pesquisa.

4. *Bullying* na Escola: desafios dos professores de Dança

No capítulo 4 será compartilhada a análise dos dados. Neste capítulo será discutida a compreensão das professoras sobre o *Bullying*, bem como se identificam e previnem essa violência e como lidam quando esses casos acontecem em sala de aula.

4.1. *Bullying* na Escola: compreensão e prevenção

Tema de muitos debates na atualidade, o *Bullying* não é um problema novo, já os estudos sobre este fenômeno são recentes. Gisi (2011,p.39) aponta que no Brasil os estudos se deram no final dos anos 90, pois a preocupação com esses acontecimentos faz com que aja uma modificação na análise de atitudes agressivas entre crianças.

Ao questionar os entrevistados em relação ao que é *Bullying* as respostas foram afirmativas: J1 caracteriza que “[...] o *Bullying* é uma brincadeira insistente, que deixa de ser brincadeira [...] no início inconsciente de machucar alguém depois com recorrência consciente.”. Nesse sentido (Gisi 2011 apud Rigby 2008 p. 42) diz que.

Situações de *Bullying* em que, não obrigatoriamente, os alunos têm intenção de magoar, mas magoam, isto é verdadeiro, em especial, quando são mais novos. Às vezes tomam atitudes por imitação, porque já viram alguém fazer, ou ouvirem alguém falando sobre. É importante fazer esta distinção, pois em tais casos pode-se ter sucesso em parar os comportamentos apenas com esclarecimentos aos alunos

Através da análise do referencial teórico, bem como resultados obtidos durante a pesquisa pode-se perceber que as professoras sabem o que é *Bullying*, compreendendo o significado do termo. Este resultado também foi encontrado nos estudos de Mascarenhas(2006) e Lobato (2005).

Quando questionados sobre quais atitudes entendem por *Bullying*, pode-se notar que os entrevistados se referem ao *Bullying* Direto, sendo que o mesmo é mais perceptível em comparação ao *Bullying* indireto, uma vez que as respostas mais citadas (J2 e T2) foram violência verbal, física e apelidos pejorativos, o que de acordo com Pingoello e Horiguela (2009) fazem parte do *Bullying* Direto. As atitudes de isolamento da vítima, intrigas e intimidação que fazem parte do *Bullying* indireto não foram apontadas pelas entrevistadas. Gisi (2011) ressalta que:

É imprescindível, também, saber distinguir o *Bullying* de qualquer outro tipo de agressão pontual ou momentânea ou brincadeira. No entanto, o que para muitos pode aparentemente parecer uma brincadeira pode ser *Bullying*, isto é, uma agressão, seja ela física ou não, podendo ocorrer na sala de aula, nos pátios escolares, na hora do intervalo e no momento da escola com intencionalidade de magoar (p. 46).

Quando os sujeitos investigados foram indagados acerca de que o *Bullying* seja um problema recente afirmaram que não, pois acreditam que o mesmo seja um problema antigo, porém hoje, tem mais visibilidade na mídia. De acordo com J13 este problema apenas recebeu um nome.

No Brasil já existem legislações que visam garantir os direitos individuais e coletivos, que garantem a liberdade e o respeito, busca-se nas leis um entendimento para as violências escolares como o *Bullying*, e de quem é o encargo por preveni-las e combatê-las. No Rio Grande do Sul existe a Lei N°.13.474, de junho de 2010, que dispõe sobre o combate e a prática de *Bullying* por instituição de ensino.

Segundo Nascimento e Alkimin (2010), o *Bullying* é uma violência e, como tal, deve ser julgada perante a Lei, pois pode gerar tanto danos físicos e morais, quanto materiais. Em relação a esta temática averiguou-se se os professores possuíam conhecimento sobre a Lei *anti-Bullying* do Rio Grande do Sul e se tinham acesso na escola ao material do programa, em T15 e J18 ponderou que não, T15 acrescentou que apenas teve acesso pela internet após uma colega lhe enviar, e que no material da disciplina de artes cita questões sobre o *Bullying* e Diversidade.

Os participantes também foram questionados se os mesmos se sentiam preparados para lidar com os casos de *Bullying*. Notou-se que a maioria dos participantes não se sentem totalmente aptos para lidar com esses casos, destacam

que um dos fatores que geram esta insegurança seja a falta de informação sobre o tema. J15 aponta:

[...] Muitas vezes não, e vou te explicar o porquê, na verdade a gente busca por uma conversa tentando colocar um no lugar do outro fazer a pessoa perceber qual o objetivo daquilo porque que ela faz isto, fazer ele perceber nessas falas o quanto é ruim aquilo para quem ta sofrendo, este é o trabalho que a gente faz e ponto. Além disso a gente não faz nada como encaminhar para falar com um psicólogo, a gente para além da conversa não tem preparo para nada[...]

Silva (2010) em relação a esta situação argumenta que os profissionais das escolas devem ser capacitados para lidar de maneira correta com este problema. Gisi (2011) completa:

Em relação ao *Bullying*, as dificuldades sentidas, por parte dos professores, têm relação com esta formação recebida, que não da conta de lidar com a diversidade social e cultural hoje existente nas escolas de educação básica. E ainda, pode-se citar a não existência de condições de trabalho adequadas, pouca valorização do magistério, que obriga os professores a duplas jornadas, e falta de perspectivas futuras na profissão. (p.50)

Os participantes foram questionados se nas escolas que trabalham havia algum projeto *anti-Bullying* e se eles faziam alguma prática em sala de aula. Averiguou-se nesta questão que os professores trabalham a diversidade como forma de prevenir o *Bullying*, além de palestras realizadas pela escola através de projetos. Em relação a estas palestras , ABRAPIA (2005) ressalta a importância deles no meio escolar, visto a intervir efetivamente, diminuindo os casos. Todavia, o referido estudo mostra que para eles serem eficientes é necessário primeiro fazer o diagnóstico da Escola.

Questionou-se também se os partícipes da pesquisa conseguiam destacar métodos para amenizar ou até mesmo acabar com os casos de *Bullying* na Escola. T13 responde:

[...] Eu acho que já que tem algumas várias né,mas principalmente Não adianta só fazer um trabalho com os alunos mas também tem que ser feito com os professores e com os pais é o que eu acho não adianta a gente fazer uma palestra somente com os alunos para eles não fazerem entre

eles sendo que em casa eles estão cometendo os mesmos atos seja com o irmão ou com quem for está recebendo de volta, então eu sempre acho que se a gente for fazer uma palestra falando sobre *bullying* a gente também tem que incluir os pais ali os responsáveis então instigar eles que cada um de nós diferente cada um Tem suas qualidades independente do corpo que a gente tem o lugar que a gente veio a gente tem que respeitar e que isso influi até mesmo no crescimento de cada um, que é brincadeira que a gente está fazendo pode acarretar algo muito mais sério no futuro e falar dessas coisas e que coisa séria são essas não adianta só falar a parte técnica explicativa do que é com termos acadêmicos e não falar a realidade para estigando o colega e esta debochando do outro porque ele é gay[...]

Dentre as respostas mais frequentes estão: trabalho em conjunto com a família e conscientização acerca do tema, o que vai ao encontro com o que afirma Milan (2009) e Olibone (2008). Os autores relatam que trazer a comunidade para o âmbito escolar, bem como, a conscientiza-los acerca do tema são boas medidas para diminuir os casos de *Bullying*.

4.2 *Bullying* na Escola: Identificação e ação docente

Os entrevistados foram questionados sobre a ocorrência do *Bullying* nas escolas em que eles trabalhavam. Para Silva (2010), o *Bullying* é um fenômeno presente em todas as escolas o que se se confirmou nas pesquisas já que as entrevistadas responderam afirmativamente esta questão. T3 comenta que:

Sim bastante, assim a gente até tem feito algumas palestras né no decorrer do ano, normalmente tem uma por trimestre pelo menos não só sobre *bullying* mas , até no fim do semestre passado a gente fez mas assim, entre os alunos, e ta muito presente né até ali assim na faixa da adolescência .

Em relação à identificação dos casos de *Bullying* pela escola, pode-se observar que estas se utilizam, na maioria das vezes, da observação do comportamento dos alunos, ou então, da denúncia feita pelos colegas. Segundo Silva (2010), a observação do comportamento dos alunos é muito importante para descoberta de casos, a referida autora desenvolveu um instrumento para auxiliar os professores nas observações.

Em relação aos respondentes, foi indagado se eles conseguiam prestar atenção no comportamento dos alunos, pois de acordo com Olibone (2008), muitos professores se preocupam apenas com a transmissão de conhecimentos, não dando

importância aos conflitos existentes. Notou-se que ambas professoras conseguem observar o comportamento dos alunos, o que para Silva (2010) e Olibone (2008) colabora para o diagnóstico dos casos de *Bullying*.

Foi questionado se os participantes da pesquisa conseguiam identificar quais alunos ou grupos de alunos são mais facilmente alvos de *Bullying*, todos demonstraram ter esta percepção, os respondentes apontaram características físicas e psicológicas, como: a timidez, déficit intelectual. Estas foram igualmente encontradas nos estudos de Lopes (2005) e ABRAPIA (2005).

Em relação a gênero, foi indagado se os respondentes notavam a diferença de comportamento entre meninos e meninas, disseram que sim.

Nas aulas que eu ministro é uma parte mais intelectual das meninas, zuando mesmo por quê a pessoa é burra, é incapaz de formular um raciocínio rápido, é mais um *bullying* intelectual, e dos meninos, *bullying* sobre aparência física e comportamental, se a pessoa é dispersa eles ficam falando: “ a mongolão”. Ou se é gordo se é magro se é branco ou negro tudo isso. (J8, Apêndice 4)

Conforme Malta, Silva, Mello et al (2009), os meninos se encontram mais propensos a se envolverem em casos de *Bullying* do que meninas, o que se confirmou na presente pesquisa, tendo em vista que os entrevistados notam diferença de comportamento entre os gêneros. Dentre estes, a maioria aponta que os meninos se envolvem mais em casos de *Bullying*, sendo eles considerados mais violentos. A propósito, Bandeira e Hutz (2010) lembram que os casos de *Bullying* praticados pelas meninas geralmente passam despercebidos, pois elas tendem a agir de modo mais sutil. Milan (2009) colabora com esta afirmação dizendo que as meninas são mais discretas em suas atitudes.

Em relação à solução dos casos de *Bullying* de acordo com os professores o método mais utilizado é o diálogo com os alunos e se necessário com os pais dos envolvidos, o que segundo Olibone (2008) é uma boa maneira de solucioná-los.

Levando em consideração possíveis consequências na vida dos alunos, as professoras foram questionadas se acreditavam que o *Bullying* poderia causar queda no rendimento escolar, as repostas foram positivas, mostrando relação com os estudos de Pingoelo e Horiguella (2009) e Olibone (2008).

Além disto, foi questionado se o *Bullying* poderia acarretar transtornos físicos e psicológicos nos envolvidos. Os participantes responderam que sim, indo ao encontro da opinião de Silva (2010) que em seu trabalho mostra uma série de sintomas e doenças tanto físicas quanto psicológicas apresentadas por alunos envolvidos em casos de *Bullying*.

5. Considerações Finais

Esta pesquisa teve como o objetivo geral investigar se existem casos de *Bullying* nas aulas de Dança das escolas públicas de Pelotas – RS e diagnosticar se os professores de Dança percebem essa prática e como lidam com isso em sala através da pesquisa pode-se perceber que assim como encontrado na literatura os casos de *Bullying* estão presentes nas escolas estudadas.

Com essa pesquisa foi possível verificar que as professoras entrevistadas compreendem o significado do termo *Bullying*, bem como as atitudes relacionadas a ele, sendo que o *Bullying* Direto (classificação) é mais perceptível pelos dados, uma vez que ocorre de modo mais explícito. Além disso, os participantes da pesquisa consideram o *Bullying* um fenômeno antigo, apesar de desconhecerem a Lei Nº 13.474, de 28 de junho de 2010 que dispõe sobre o combate ao *Bullying*. Pode-se verificar que mesmo com todas as atribuições desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa nas escolas, eles conseguem observar o comportamento dos alunos, que é o principal método para diagnóstico dos casos de *Bullying*.

Ainda, as participantes da pesquisa relataram que conseguem identificar quais discentes ou grupo de alunos são mais comumente alvos do *Bullying*. Também expressaram que notam diferenças em relação ao gênero, considerando os meninos mais propensos a se envolverem com esse tipo de comportamento, bem como mais violentos que as meninas.

O diálogo, ainda é a principal medida adotada pelas professoras entrevistadas para resolver os casos de *Bullying* nas escolas investigadas, tomando providências em conjunto com os alunos, com a direção da escola e a família.

Mesmo com a existência de casos de *Bullying* em todas as escolas estudadas e a consciência de que as participantes demonstram ter sobre a consequência que este problema pode acarretar na vida dos envolvidos, nenhuma escola apresenta projetos que visem coibi-lo.

Embora os participantes da pesquisa consigam entender e perceber o que é esta violência, ainda não se sentem aptos para lidar com ela, neste sentido, sugere-se a criação de campanhas e programas de capacitação voltados para esta problemática, dentro das escolas para que novos casos de *Bullying* sejam evitados, tornando a Escola um local seguro para aprendizagem.

Importante destacar a relevância de se discutir o *Bullying* no âmbito da formação inicial de professores, uma vez que esses casos são frequentes nas escolas e muitas vezes negligenciados pelos professores por desconhecerem as consequências que esta agressão pode ocasionar nas vítimas. Essa temática necessita ser debatida nas diferentes licenciaturas, contudo se faz importante na Dança pelo fato dessa disciplina lidar diretamente com a exposição do corpo, que pode motivar este tipo de violência na Escola.

Ressalto o quão importante foi a produção desta pesquisa para mim tanto como pesquisadora, quanto como pessoa, por se tratar de um assunto que mexe comigo; poder compartilhar deste aprendizado e fazer com que as pessoas possam compreender mais desta prática de violência, que vem se tornando parte da Escola, e compreender a importância de combatê-la.

Acredito que essa pesquisa possa abrir portas para outras reflexões acerca deste assunto, visando levá-lo a questionamentos tanto no âmbito escolar quanto acadêmico.

REFERENCIAS

ABRAPIA, Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a infância e Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br>>

ANTUNES, Debora chistina; ZUIZ, Antonio Alvaro Soares. **Do Bullying ao preconceito: os desafios da barbárie a educação.** Psicologia & Sociedade; 20(1) 33-42, 2008

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº4, Dezembro/98

BANDEIRA.Claudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. **As implicações do Bullying na auto-estima de adolescentes.** Revista Semestral da associação Brasileira de Psicologia escolar e Educacional, SP. Vol.14 num.1 jan-junho2010; 131-138.

BARRETO, D. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na Escola.** 2 ed. Autores associados, 2004.

BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro; CESAR, Neura (2008) **O impacto do Fenômeno Bullying na vida e na aprendizagem de crianças e adolescentes.** UFMG

BERNARDINI, Cristina Helena; MAIA, Helenice. **Bullying escolar: uma análise do discurso do professor.** Revista Polemica, vol.9, nº2, p.99-104, abril/junho de 2010

BERTOLDI, Andréa L.S.; MARCHI JR., Wanderley. **Dança e(m)cadeira de rodas: reflexões sobre mecanismos ocultos de reprodução social.** The FIEP Bulletin. Foz do Iguaçu 2004

BETTI, Renata; LIMA, Roberta de abreu. **Bullying: dor, solidão e medo.** Revista Veja, Ed. 2213 – ano 44-nº16/20 de abril de 2011

CARVALHO, Beth. **Volta por cima**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beth-carvalho/191125/>. Acesso: 01/07/2019

CONE, Theresa Purcell. **Ensinando dança para crianças/** theresa Purcell Cone, Stephen L. Cone; [tradução Lúcia Helena de Seixas Britto].—3. Ed. Barueri, SP: Manole, 2015.

FERRARI, G.B. **Porque dança na Escola?** Disponível em: <http://www.fef.ufg.br/>. Acesso: 21/04/2019

FERREIRA, Valéria; ROWE, Janaina Fátimaa; OLIVEIRA, Lisandra Antunes. **Percepção do professor sobre fenômeno Bullying no ambiente escolar**. Unoesc & ciência – ACHS, Joaçaba, vol.1 n°1, p 57-6, jan/jun.2010

FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra (2008) **Um Estudo sobre Bullying entre Escolas do Ensino Fundamental**. Psicologia: reflexão e crítica, 22(2), 200-207.

GISI, Lourdes Maria; TEODORA, Romilda. **Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores** – Ijuí:Ed. Unijuí, 2011).-208p.

LIMA, Jorge dos Santos; LUCENA, Francisco Carlos. **O Bullying e suas implicações no processo de Ensino-Aprendizagem: Procedimento para o descomprometimento do cidadão social**. Revista Agora, Salgueiro-PE, vol.4, n°1, p. 06-18, dez 2009

LOBATO, Vivian da Silva (2005) **Concepção de professores sobre questões relacionadas a violência na escola**. PUC/SP

LOPES, Neto A. A. (2005) **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. (Rio de Janeiro), Jornal de Pediatria 81 (5), 164-172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>.

MARQUES, I.A. **Ensino da dança hoje: Textos e contextos**. São Paulo: Cortez. 1999.

_____. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, Isabel. **Dança-educação ou dança e educação? Dos contatos às relações**. In: TOMAZZONI, C; MARINHO, N (Org.). Algumas perguntas sobre dança e educação. Joinville: Nova Letra 2010, 228p. disponível em: <http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/III-Seminarios-de-Danca-Algumas-Perguntas-sobre-Danca-e-Educacao.pdf#page=23>

MC'S, Rajada verbal. **Bullying**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rajada-verbal-mcs/1889336/>. Acesso em: 01/07/2019

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira; ALKIMIN, Maria Aparecida. **Violência na escola: O Bullying na relação aluno professor e a responsabilidade jurídica**. Anais do XIX Encontro do CONPEDI, Fortaleza-CE, junho de 2010.

OLIBONE, Samara Pereira. **O bullying como violência velada: A percepção dos professores- tese de mestrado**. Rio grande: Furg 2008.

PEREIRA, S. R. C. et al. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61, 2001.

PINGOELO, Ivone; Horiguela, Maria de L. Morales (2009) **Bullying na sala de aula** (Marília/SP) Diálogo Multidisciplinar.

REIS, Nando. **Relicário**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nando-reis/47567/>. Acesso em : 01/07/2019

RUSSO, Renato. **Será**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/renato-russo/359670/>. Acesso em: 01/07/2019

UFPEL. **Manual normas Ufpel trabalhos acadêmicos.** Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/servicus-2/normas-ufpel-para-trabalhos-academicos/>.

SILVA, Alexandre de Paula. **Percepções de docentes a respeito da prática de Bullying na escola.** E- Revista Facitec.V.4, n.1, Art.6. jan-jun2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying mentes perigosas na escola.** Rio de Janeiro: Objetiva 2010.

STEINHIBER, J. **Dança para acabar com a discussão.** *Conselho Federal de Educação Física-CONFEEF*, Rio de Janeiro, n.5p. 8, nov/dez.2000.

APÊNDESE

(APENDESE 1)**Universidade Federal de Pelotas
Centro de Artes
Dança Licenciatura**

Pesquisadora: Graduanda Karina Badia Fonseca
Contato: (53) 98417-3400 / karinabfb@gmail.com
Semestre:

Roteiro entrevista semiestruturada**Dados de identificação:**

Idade: Sexo: (F) (M)
Tempo de Carreira:

Questões:

1. Você sabe o que é o Bullying?
2. Quais atitudes você entende por Bullying?
3. Há ocorrência de Bullying na escola onde trabalha?
4. Como a escola identifica os casos de Bullying?
5. Como estes casos são resolvidos?
6. Durante suas atribuições na escola , você consegue reparar no comportamento dos alunos?
7. Você consegue identificar qual aluno ou grupo de alunos que são mais facilmente alvos de Bullying?
8. Em relação aos praticantes de Bullying, você nota diferença de comportamento entre meninos e meninas?
9. Você acredita que os alunos que são envolvidos em casos de Bullying, apresentar queda no rendimento escolar?
10. Você acredita que o Bullying pode acarretar transtornos físicos ou psicológicos nos alunos?
11. Você consegue apontar alguma solução para amenizar ou mesmo acabar com os casos de Bullying dentro da escola?
12. Você acredita que o Bullying seja um problema recente?
13. Você acredita que as aulas de dança, seja uma aula com mais probabilidade de ocorrer casos de Bullying?
14. Você se sente preparado para lidar com o Bullying?
15. Professores tem acesso ao material do programa anti bullying do RS?
16. Os professores fazem alguma pratica com seus alunos, falando sobre bullying?

(APENDESE 2)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
DANÇA LICENCIATURA**

TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Pelo presente Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado (a), de forma clara e detalhada, da justificada, da forma de trabalho. Fui igualmente informado (a):

- Da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados a trabalho;
- Da liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar, sem que me traga qualquer prejuízo;
- Da garantia de que () serei () não serei identificado.
- De que serão mantidos todos os preceitos éticos legais durante e após o término do trabalho;
- Do compromisso ao acesso às informações em todas as etapas do trabalho, bem como dos resultados, ainda que isso possa afetar minha vontade de continuar participando.

Responsável pelo trabalho: Graduanda Karina
Badia Fonseca

Contato:

Data:

Assinatura do participante:

(APENDESE 3)

Entrevista J
1. Você sabe o que é o bullying?
Eu acho que o bullying é uma brincadeira insistente, que deixa de ser brincadeira, e é uma forma de no início inconsciente de machucar alguém, e depois com a recorrência consciente.
2. Quais atitudes tu entendi como bullying?
Por exemplo falar uma coisa que uma pessoa não goste sobre qualquer aspecto, não na questão da discordância, falar tentando atingir aquela pessoa com alguma coisa que esteja em relação à forma física, orientação sexual, coisas familiares, coisas que atinjam a pessoa diretamente, coisas que tiram a existência daquela pessoa ou de algum familiar, uma pessoa que esteja próxima.
3. A ocorrência de bullying na escola Onde você trabalha?
Na minha escola existe.
4. Como a escola identifica esses casos de bullying?
Primeiro os professores identificam né, em sala de aula principalmente, quando a gente percebe que aquelas brincadeiras tomaram uma proporção não só de divertir, mas que algumas pessoas se sintam incomodada, daí outros funcionários da escola também percebem por que isso sai da sala de aula, também vai para o corredor, no recreio, aí os monitores percebem, depois já vai para orientação, depois direção.
5. E como esses casos são resolvidos?
Normalmente com conversa, na minha escola ainda a gente não teve nenhum caso que tivesse alguma recorrência de punição, suspensão ou expulsão, isso ainda não ocorreu, a gente normalmente conversa entre as partes, e isso se resolve.

6. Durante suas atribuições na escola você consegue reparar no comportamento dos alunos?
Consigno. Algumas coisas assim eu enxergo como sacanagem e outras não, quando começa a incomodar a gente consegue identificar.
7. Tu consegue identificar qual aluno ou qual grupo de alunos são alvos do bullying?
Sim. Normalmente os mais quietos, normalmente quem não responde eles são mais fácil de ser atingido, quem não tem também assim personalidade, ter força ter instinto de não se abater com aquilo na hora, acho que depende muito da personalidade de cada um, às vezes até as pessoas que são bem extrovertidas, que conversam, participativas esclarecida, não consegue, e quem é tímido tem mais dificuldade ainda, eu já notei isso.
K. Dos praticantes de bullying, você nota diferença do comportamento entre meninos e meninas?
Meninos muito mais, meninos praticam mais na minha escola.
8. E do tipo de bullying quando a menina pratica o bullying você nota alguma diferença, por exemplo os meninos são mais agressivos que as meninas?
Nas aulas que eu ministro é uma parte mais intelectual das meninas, zuando mesmo por quê a pessoa é burra, é incapaz de formular um raciocínio rápido, é mais um bullying intelectual, e dos meninos, bullying sobre aparência física e comportamental, se a pessoa é dispersa eles ficam falando: “ a mongolão”. Ou se é gordo se é magro se é brancos ou negro tudo isso.
9. Você acredita que os alunos envolvidos em casos de bullying apresentam queda no rendimento escolar?
Alguns sim. Eu tenho que evadiram, já aconteceu de não ir mais para escola, isso a gente descobriu depois, não ocorreu na minha aula pois nesta aula eles conversam mais, tem mais liberdade para fazer esses questionamentos, trabalhar com um pensamento mais flexível, acho que é bem característico das minhas aulas, em outras aulas os professores dizem tipo assim: “deu cala a

boca acabou”, e não problematizam não refletem, não conversam, isso já aconteceu e descobrir apenas quando a pessoa já não está mais vindo a aula, depois a gente encontra e fala: “ah por que tu não tá mais indo nas aulas? aí fala ah o fulano me incomodou, por isso eu não estou indo mais”. E eu trabalho com EJA adultos e adolescentes, isso ainda acontece lá, a maioria acha que é com crianças que isso acontece,mas não é só.

10.Você acredita que o bullying pode acarretar transtornos físicos ou psicológicos aos alunos?

Eu acredito que sim. Como eu trabalho com dança e a gente faz alguns trabalhos corporais, na questão postural afeta de imediato, a forma que a pessoa começa a se comportar corporalmente, quando ela começa a baixar o olhar, curvar as costas, as movimentações começam a ser mais próximos do corpo, isto eu noto muito rápido.

11.Você consegue apontar alguma solução para amenizar ou até mesmo acabar com o bullying na escola?

Eu acho que conversa, isso funciona muito lá na escola, junto o fulano ou beltrano e vamos conversar, isso é feito com o orientador, com a direção, com a gente. Quando a gente presenciou algum caso assim, as vezes a gente presencia algumas situações na aula e no calor da aula a gente não consegue dar conta daquilo naquele momento, daí a gente leva para orientação e a gente não deixa morrer.

12. E antes de acontecer os casos em algum momento em aula vocês também conversam sobre isso?

A gente nunca age antes do bullying, acho que a gente nunca pensou sobre, a gente sempre descobre depois que acontece, pelo menos até hoje na escola a gente ainda não tomou uma postura, tô falando no nixo que eu trabalho né, em relação as minhas aulas o meu turno de aula também é a noite, é um turno diferenciado a gente toma medidas prévias como fazer palestras, mas não na aula com roda de conversa para discutir sobre isso, talvez porque ainda a gente acredite que isso aconteça com crianças né, mas também acontece

com jovens e adultos e a gente tem alunos também de idade bem avançada tem idosos estudando talvez a gente não tenha pensado nisso ainda né em função do público que a gente atende, mas eu acho importante sim.
13. Você acredita que o bullying seja um problema recente?
Não eu acho que o bullying existe desde que o mundo é mundo, existe na escola, existe na vida desde sempre, a gente convive com isso, eu mesmo desde a minha existência.
K. Só não tinha uma nomenclatura para isso né!
J. Exatamente.
14 Você acredita que as aulas de dança seja uma aula com mais probabilidade de ocorrer caso de bullying?
Acho que com mais probabilidade não, acredito que seja igual, porque quem vai fazer na aula de dança vai fazer na aula de matemática e português isso é um comportamento que acompanha eles não importa qual seja a disciplina.
15 Você se sente preparada para lidar com bullying?
Muitas vezes não, e vou te explicar o porquê, na verdade a gente busca por uma conversa tentando colocar um no lugar do outro fazer a pessoa perceber qual o objetivo daquilo porque que ela faz isto, fazer ele perceber nessas falas o quanto é ruim aquilo para quem ta sofrendo, este é o trabalho que a gente faz e ponto. Além disso a gente não faz nada como encaminhar para falar com um psicólogo, a gente para além da conversa não tem preparo para nada.
K. Na escola vocês professores se reúnem por exemplo em reuniões pedagógicas para conversar sobre o Bullying, vocês tem algum tipo de treinamento?
A gente fala qualquer problema em relação a isso, a gente encaminha a gente conversa, a gente não tem suporte pedagógico por exemplo, a gente não tem uma psicóloga na escola, a gente tem um orientador escolar, que conversa né, então a gente faz isso, agora apoio psicológico que isso precisa tanta para quem sofre tanto para quem faz, quem pratica né, a gente não tem.

16. Tu faz alguma prática na sala de aula que trabalhe com o tema Bullying? Nas minhas aulas a gente faz práticas tipo de observação, tentar reproduzir a trajetória da caminhada da pessoa como a pessoa se identifica, para a gente pegar pequenos detalhes, e analisar a movimentação, para que isso não sirva de deboche por exemplo, mas para a gente entender como acaquele corpo se comporta e porque ele caminha daquela maneira, então é uma outra maneira de ver a mobilidade daquela pessoa da questão da dimensão do corpo daquela pessoa da estatura, como ela troca de peso de uma perna para a outra, é entender basicamente que a gente é diferente, e não é que um seja diferente, todos somos, então a reflexão vai mais neste aspecto, é di perceber a diversidade como um todo, não uma focada que vá humilhar ou constranger uma pessoa é para si perceber e perceber o coletivo, a gente foca muito o olhar para o outro né, só observa o outro mas não si observa no contexto.

17 Na escola que tu trabalha você tem acesso ao material da lei anti bullying do Rio Grande do sul.

Não tive contato deste material. Se tem na escola nunca soube.

Entrevista T
1.você sabe o que é <i>Bullying</i> ?
Sim com certeza.
2. Quais atitudes você entende como <i>Bullying</i> ?
Na verdade o que eu entendo por <i>Bullying</i> é, são todas as ações que aquelas que existem ali entre as pessoas tanto físicas como psicológicas e quando a gente agride uma pessoa de forma, que não é nem moral nem ética nem correta que pode interferir muito na vida da pessoa.
3. A ocorrência de <i>Bullying</i> na escola onde tu trabalha
sim bastante, assim a gente ate tem feito algumas palestras né no decorrer do ano, normalmente tem uma por trimestre pelo menos não só sobre <i>bullying</i> mas , até no fim do semestre passado a gente fez mas assim, entre os alunos, e ta muito presente né ate ali assim na faixa da adolescência .
4. E como a escola identifica os casos de <i>bullying</i> ?
Normalmente a gente tem uma orientadora educacional na coordenação que esta sempre incentivando os alunos a falar, falar qualquer tipo de agressão que eles tenham sofrido por um colega, qualquer atitude que eles não tenham gostado, a coordenadora educacional, chama essas crianças para conversar com elas para saber o que esta acontecendo, dai muitas vezes a gente identifica esses casos de <i>bullying</i> .
5. E como esses casos são resolvidos?
Bom normalmente a primeira coisa é uma conversa entre eles, para mostrar que aquilo não é correto né mostrar o que aquilo ali pode causar, e tentar mostrar que ele se coloque no lugar no outro para conseguir entender que aquilo não é correto e em um segundo momento se isso continuar ou se o caso for muito extremo é chamado os responsáveis né das crianças, conversar né.
6. Durante as tuas atribuições na escola, tu conseguiu reparar no comportamento dos alunos?
Olha principalmente nas aulas de dança prática assim eu tenho reparado uma diferença grande do inicio para agora, faz 3 anos que estou na escola, e neste 3 anos mudou muito, principalmente porque a dança por si só ela já é corpo ela já de coloca por si só num status de exposição né aos outros colegas , então o respeito de uns e outros pra mim já é extremamente importante que eles me respeitem, até porque se eles não sabem o que respeito para eles , jamais eles vão me respeitar, então para que essas atitudes de <i>bullying</i> não aconteça nas aulas, não fiquem debochando dos colegas né, porque um consegue fazer ou porque o outro é gordinho ou magrinho e ai historicamente na dança já é exigido entre aspas né mas agora já vem mudando depois da dança moderna que é um corpo padrão isso eu também já venho falando em minhas aulas e fazendo de tudo para isso mude.
7. Tu consegue identificar qual aluno ou grupo de aluno são mais frequente se envolverem em casos de <i>Bullying</i> ?
Com certeza é bem complicado isso, porque é uma coisa que eu fico extremamente chateada, mas tem que saber lidar né.
Como e eu disse, os alunos que são gordinhos, né ou os alunos que são magros demais, é sempre por estereótipos normalmente ta, a primeira coisa negros, quando tem o cabelo crespo, né e <i>black power</i> , eles debocham, na minha escola o status social não é tanto é mais a fica mesmo eles ficam

debochando uns dos outros ou pelo aluno ser gay, principalmente os adolescentes né que já estão entrando nessa fase de se descobrir se mostrar, se colocar no mundo a opção deles, isso é muito alvo também.

8. Em relação as práticas de Bullying tu nota diferença de comportamento entre meninos e meninas?

Sim. Isso é uma luta que eu luto todos os dias, né até pelas coisas que eu acredito, mas é impressionante ver, esta mudando, mas é impressionante ver como as meninas, elas na sala de aula elas ainda se colocam numa posição de inferioridade em relação aos meninos, e quando na turma a maioria é menino é pior ainda, ah porque elas , sabe? Elas não tem direito de fala, é como se eles tivessem o poder de tudo ali dentro da sala de aula, por ser menino e elas não, futebol mesmo né, conversando com as professoras de educação física, eles acham que a menina não pode jogar que é coisa de menino, que menina não joga, é uma coisa que a gente tem que estar quebrando todo o tempo, na dança o corpo da menina, é ligado a sensualidade por exemplo, por mais que tenha determinados movimentos que dentro da faixa etária e da serie que eu estou trabalhando, não são sensuais, eles acham e já ligam diretamente em outras coisas, eu separo faço um teste, eles aprendem todos juntos mas na hora de apresentar a coreografia separo meninas e meninos, primeiro agora vai fazer os meninos tá, e as meninas vão observar, tu vê a diferença de comportamento ali, as meninas elas não ficam debochando, elas olham observam tudo ate dão risada até se acham engraçado mas elas não ficam gritando debochando, e eu sempre estimulo eles a aplaudir, os colegas né depois de terminar, depois eu troco, ai tu vê totalmente a diferença, os meninos começam o tempo inteiro debochar das meninas ou tipo a falar coisas que não deveriam falar ai eu paro toda a aula, e já interiro na mesma hora, a melhor forma de interferir é fazer perguntas, se tu tivesse no lugar delas, e tivesse sendo alvo de críticas, vocês gostariam, eles sabem que eles tão fazendo errado, entendeu? Eles sabem. Mas aquilo dali já esta tão. Parecendo uma brincadeira que eles não conseguem perceber que pode fazer mal, é uma coisa que a gente tem que trabalhar diariamente.

9. tu consegue notar que os praticante de bullying se é menino as praticas são mais agressivas em relação as meninas?

Na minha escola eu vejo isso. É que assim eu sinto que a gente ta passando por um momento, um processo de uns anos para cá, onde as meninas estão conseguindo se impondera mais, elas estão conseguindo se colocar mais no mundo, eu não digo as menores estou falando assim dos adolescentes ta, por exemplo sexto, sétimo, oitavo e nono ano, eles já tem o acesso a internet e já tem um entendimento de mundo que é de liberdade então elas estão começando a se posicionar mais, entende os pequenos, do quinto ano para baixo já é coisa que eles agora estão se descobrindo como gente então , as meninas são geralmente mais retraídas, agora as adolescentes já estão em um processo mais evolutivo é o que eu to sentindo ta, então assim, quando os meninos estão tentando se impor, elas não querem nem saber, elas dão a opinião delas e se tiver que dar resposta na ponta da língua elas tem, então acho que é um processo que ta acontecendo, mas lento, mas com com certeza a gente vai fazer mudar.

10. Tu acredita que os alunos envolvidos em casos de bullying, apresentam queda no rendimento escolar?

sim. Com certeza, tipo quando as mães, ainda são mais presentes os pais são

mais presentes, estão ali imponderando o filho o tempo inteiro que ele seja alguém, isto as vezes ajuda muito, ele não ser assim, mas tem outros que eles não tem um suporte assim em casa, então as vezes eles são discriminados e fazem Bullying com eles ate dentro de casa então as vezes é só um acréscimo quando eles chegam na escola, o que é pior, porque eles pensam vou chegar na escola e vou ser mais acolhido, né ai tu chega la e passa por uma coisa bem complicada, já vi casos de alunos chorar dentro da sala de aula, de aluno ficar em um canto da aula excluído e não se enturmar com os outros, de eu fazer trabalhos em grupo e o aluno falar que quer ficar sozinho, sem grupo, ai chega para mim e diz ah professora, eu não vou fazer o trabalho, eu digo porque não vai fazer o trabalho? Não vou fazer o trabalho porque ninguém me quer no grupo. Eu pergunto ah mas porque? Ah professora eu acho que porque sou negro, entendeu porque a cor da minha pele é negra, é diferente da deles, então isso me doi, então o que eu tendo fazer é um trabalho que eu exalte as qualidades deles, que a cultura daquela pessoa o lugar de onde ela veio tem através da dança, por exemplo: eu fiz um trabalho ano passado, foi o caso que aconteceu isso, durante todo um ano e durante o 20 de novembro, dia da consciência negra a gente, trabalhou todo o mês de novembro, estas questões e exaltando a cultura africana e as danças afro, as danças de matrizes africanas, para que eles valorizassem isto. Então as questões das diferenças de resita-las, tudo isso a dança proporciona.

11.Você acredita que o bullying pode acarretar transtornos físicos ou psicológicos nos alunos?

Acredito que sim. É uma coisa que a gente deve estar sempre atento, claro tem algumas situações que a gente não deve misturar por exemplo, se o aluno consegue lidar com isso e Se ele não consegue lidar com isso. não é só dizer que tem que ter respeito Ou que isso é feio mas também, ensinar o aluno a se comportar diante uma situação de bullying, que ele não pode aceitar calado, mas também não pode sair agredindo outras pessoas, mas assim que ele tem um suporte atrás dele e que ele pode fazer com que isso pare de alguma forma, e eu acho complicado eu já tive mãe já chegaram para mim e disseram que a filha tinha um problema degenerativo nos ossos e que estava com uma doença e que ela estava com a autoestima muito baixa e a forma que ela teve de Melhorar isto descer sentir melhor foi descontando na comida e aí ela estava ficando bem gordinha acima do peso dela para idade, já estava prejudicando até a saúde dela não na questão estética, e quando chegou na aula Os alunos não estavam mais ainda essa situação dela está na obesidade, isso era bem exaltado, a situação da mãe chegar para mim eu ter que intervir não só na minha aula de eu ter que ensinar não só a parte teórica Mas como eu colocar na teoria esse tipo de situação para que eles reflitam para mudar

essa situação, na minha situação o que eu penso como professora é que meu trabalho em relação a escola falando sobre bullying e a dança ele está muito além do que só ensinar o que eu aprendi dentro da universidade, que teoria tu vai muito além do que aprendi, quando ver tu tá fazendo um papel que talvez nem seria teu, mas se tu não te propor a ser Educadora e a transformar as pessoas fazer elas se sentirem melhor no mundo então é melhor mudar de profissão, é o que eu falo é melhor mudar, é uma coisa que é um processo lento e que temos que entender que a gente não vai abraçar o mundo.

12. Tu consegue apontar alguma solução para amenizar ou mesmo acabar com as práticas de bullying dentro da escola?

Eu acho que já que tem algumas várias né, mas principalmente Não adianta só fazer um trabalho com os alunos mas também tem que ser feito com os professores e com os pais é o que eu acho não adianta a gente fazer uma palestra somente com os alunos para eles não fazerem entre eles sendo que em casa eles estão cometendo os mesmos atos seja com o irmão ou com quem for está recebendo de volta, então eu sempre acho que se a gente for fazer uma palestra falando sobre bullying a gente também tem que incluir os pais ali os responsáveis então instigar eles que cada um de nós diferente cada um Tem suas qualidades independente do corpo que a gente tem o lugar que a gente veio a gente tem que respeitar e que isso influi até mesmo no crescimento de cada um, que é brincadeira que a gente está fazendo pode acarretar algo muito mais sério no futuro e falar dessas coisas e que coisa séria são essas não adianta só falar a parte técnica explicativa do que é com termos acadêmicos e não falar a realidade para estigando o colega e esta debochando do colega porque ele é gay tu sabia que no Brasil a cada 40 minutos uma pessoa que foi assassinada tem várias pessoas que tem a opção sexual diferente da tua, tu tem algum parente ou amigos na tua família que tem opção sexual diferente da tua se a pessoa diz que sim Aí tu já usa como exemplo aquilo dali essa pessoa te trata bem Ela é legal contigo então porque tu vai debochar do teu colega se ele é igual essa pessoa esses tipos de ligação que a gente para eles poder refletir e não só no supérfluo no superficial porque a palestra sobre Bullying tem a todo momento não que todas as escolas façam

mas as que eu conheço e fazem e nem todo momento isso é uma coisa que faz eles pensar, só falar o quê que é não adianta tem que fazer eles pensar.

13. Tu ti sente preparada para lidar com bullying, tu teve alguma preparação na escola para os professores saberem como lidar com bullying saber como identificar o bullying?

A gente tem reuniões pedagógicas durante o mês e dentro dessas reuniões a gente conversa muito sobre as coisas que estão dando errado para que a gente consiga refletir e encontrar modos de acertar então bullying casos de violência ou de baixo rendimento do aluno a gente conversando entre nós descobrimos o porquê do baixo rendimento dele às vezes é por estar sofrendo bullying pode ser um preconceito ou uma discriminação diariamente dentro da escola e como são muitos alunos as vezes tu não percebe e ao conversar trocar uma ideia com todas as professoras se comenta olha o aluno tal tá com dificuldade e contigo como ele está nessas conversas entre nós e a gente descobre e vai Presta mais atenção naquele aluno e tenta diagnosticar o quê está acontecendo ali chama os responsáveis para conversar a Educadora Educacional está sempre trabalhando junto com os professores e a gente traz constantemente entre nós materiais no grupo do WhatsApp mesmo a gente tem um grupo para os professores do currículo e outro para os professores da área e tem um grupo de todos da escola nesses grupos além de informações sobre coisas da escola a gente também compartilha coisas sobre isso não só sobre bullying mas materiais que a gente acha na internet livros artigos o que a gente vai achando a gente vai compartilhando.

14. Tu tem acesso ao material do programa anti bullying do Rio Grande do Sul?

Tenho acesso dele na internet que os meus colegas me passaram e tem agora também uns novos livros que chegaram Eles vieram para a escola e dentro do material de arte fala sobre a questão do bullying e a questão das diferenças para a gente aprender a lidar com isso dentro da sala de aula.

15. Tu acredita que nas tuas aulas de dança têm mais probabilidade de

acontecer o bullying?

No geral acontece em todas as disciplinas umas acontece mais outras acontecem menos depende da forma como eles lidam com aquela aula e como eles se relacionam ali no momento daquela aula e como o professor vai administrar nas minhas aulas o que eu sinto é que no início era muito mais porque eles não tinham esse conhecimento em vivência prática poucos tinham porque meus alunos de escola pública poucos tinham acesso à arte cultura onde terá dança fora da escola então eles começaram a ter essa experiência ali dentro então no início só o fato deles saírem da frente do quadro e desconfigurar ali o espaço da sala de aula para um espaço que não tem classe na brincadeira já é motivo de se chutar brigar de gritar de achar que a aula ia ser uma bagunça só porque estava sendo fora daquele formato depois de um tempo eu fui trabalhando com ele que não que eu tinha uma rotina tinha um conteúdo que eles deveriam estar dispostos a fazer aquela aula e que eles tinham que principalmente respeitar uns aos outros sempre falo para eles até hoje vocês são 30 eu sou uma só eu não tenho como cuidar de você o tempo todo eu não vou virar as costas para ligar o som ou passar alguma coisa no quadro e vocês estão se agredindo uns aos outros fisicamente ou verbalmente não tenho condições vocês têm que se respeitar vocês gostariam de ser agredidos todos os dias verbal mente ou fisicamente não né eles sabem o impressionante é isso eles sabem que estão fazendo algo errado só que a questão é fazer e refletir as consequências e é isso que eu tenho que fazer com eles eu tenho que estipular uma rotina ali e uma rotina de respeito se eu tiver que tirar da sala eu vou tirar da sala não é só porque eu sou professora de artes que tem aquela perspectiva que tudo é liberal que ele tem que ser inteiro em todo seu ser que tem que ter toda a expressão do mundo não é assim que funciona a gente não pode também liberar tudo e deixar que eles Façam tudo se não vai se repetir aquilo diariamente eles têm que aprender a se respeitar então já aconteceu os casos de eu tirar aluno da sala por tar agredindo outro fisicamente na minha frente e eu não vou também prejudicar uma turma inteira por causa de um aluno ou dois que não estão respeitando os limites um do outro a gente tenta fazer o possível para mudar depois claro que volto ou outra a gente conversa

(APENDESE 4)

Categorias das entrevistas:Entendimento do *Bullying*.

1. K.Você sabe o que é o bullying?
J1. Eu acho que o bullying é uma brincadeira insistente, que deixa de ser brincadeira, e é uma forma de no início inconsciente de machucar alguém, e depois com a recorrência consciente.
K:você sabe o que é <i>Bullying</i> ?
T1: Sim com certeza.
K. Quais atitudes tu entendi como bullying?
J2. Por exemplo falar uma coisa que uma pessoa não goste sobre qualquer aspecto, não na questão da discordância, falar tentando atingir aquela pessoa com alguma coisa que esteja em relação à forma física, orientação sexual, coisas familiares, coisas que atinjam a pessoa diretamente, coisas que tiram a existência daquela pessoa ou de algum familiar, uma pessoa que esteja próxima.
K: Quais atitudes você entende como <i>Bullying</i> ?
T2: Na verdade o que eu entendo por <i>Bullying</i> é, são todas as ações que aquelas que existem ali entre as pessoas tanto físicas como psicológicas e quando a gente agride uma pessoa de forma, que não é nem moral nem ética nem correta que pode interferir muito na vida da pessoa.
K. Você acredita que o bullying seja um problema recente?
J13. Não eu acho que o bullying existe desde que o mundo é mundo, existe na escola, existe na vida desde sempre, a gente convive com isso, eu mesmo desde a minha existência.
K. Só não tinha uma nomenclatura para isso né!
J. Exatamente.

Categoria das entrevistas: Personagens do *Bullying*

K. Dos praticantes de bullying, você nota diferença do comportamento entre meninos e meninas?
J7. Meninos muito mais, meninos praticam mais na minha escola.
K. E do tipo de bullying quando a menina pratica o bullying você nota alguma diferença, por exemplo os meninos são mais agressivos que as meninas?
J8. Nas aulas que eu ministro é uma parte mais intelectual das meninas, zuando mesmo por quê a pessoa é burra, é incapaz de formular um raciocínio rápido, é mais um bullying intelectual, e dos meninos, bullying sobre aparência física e comportamental, se a pessoa é dispersa eles ficam falando: “ a mongolão”. Ou se é gordo se é magro se é brancos ou negro tudo isso.
K. Você acredita que os alunos envolvidos em casos de bullying apresentam queda no rendimento escolar?
J9. Alguns sim. Eu tenho que evadiram, já aconteceu de não ir mais para escola, isso a gente descobriu depois, não ocorreu na minha aula pois nesta aula eles conversam mais, tem mais liberdade para fazer esses questionamentos, trabalhar com um pensamento mais flexível, acho que é bem característico das minhas aulas, em outras aulas os professores dizem tipo assim: “deu cala a boca acabou”, e não problematizam não refletem, não conversam, isso já aconteceu e descobrir apenas quando a pessoa já não está mais vindo a aula, depois a gente encontra e fala: “ah por que tu não tá mais indo nas aulas? aí fala ah o fulano me incomodou, por isso eu não estou indo mais”. E eu trabalho com EJA adultos e adolescentes, isso ainda acontece lá, a maioria acha que é com crianças que isso acontece,mas não é só.
K. Você acredita que o bullying pode acarretar transtornos físicos ou psicológicos aos alunos?

J10. Eu acredito que sim. Como eu trabalho com dança e a gente faz alguns trabalhos corporais, na questão postural afeta de imediato, a forma que a pessoa começa a se comportar corporalmente, quando ela começa a baixar o olhar, curvar as costas, as movimentações começam a ser mais próximos do corpo, isto eu noto muito rápido.

Categoria entrevista: Como lidam com o *Bullying*.

K. E como esses casos são resolvidos?
J4. Normalmente com conversa, na minha escola ainda a gente não teve nenhum caso quê tivesse alguma recorrência de punição, suspensão ou expulsão, isso ainda não ocorreu, a gente normalmente conversa entre as partes, e isso se resolve.
K. Você consegue apontar alguma solução para amenizar ou até mesmo acabar com o bullying na escola?
J11. Eu acho que conversa, isso funciona muito lá na escola, junto o fulano ou beltrano e vamos conversar, isso é feito com o orientador, com a direção, com a gente. Quando a gente presenciou algum caso assim, as vezes a gente presencia algumas situações na aula e no calor da aula a gente não consegue dar conta daquilo naquele momento, daí a gente leva para orientação e a gente não deixa morrer.
K. Você se sente preparada para lidar com bullying?
J15. Muitas vezes não, e vou te explicar o porquê, na verdade a gente busca por uma conversa tentando colocar um no lugar do outro fazer a pessoa perceber qual o objetivo daquilo porque que ela faz isto, fazer ele perceber nessas falas o quanto é ruim aquilo para quem ta sofrendo, este é o trabalho que a gente faz e ponto. Além disso a gente não faz nada como encaminhar para falar com um psicólogo, a gente para além da conversa não tem preparo para nada.
K. Na escola vocês professores se reúnem por exemplo em reuniões pedagógicas para conversar sobre o Bullying, vocês tem algum tipo de treinamento?
J16. A gente fala qualquer problema em relação a isso, a gente encaminha a

gente conversa, a gente não tem suporte pedagógico por exemplo, a gente não tem uma psicóloga na escola, a gente tem um orientador escolar, que conversa né, então a gente faz isso, agora apoio psicológico que isso precisa tanta para quem sofre tanto para quem faz, quem pratica né, a gente não tem.

K: E como esses casos são resolvidos?

T5: bom normalmente a primeira coisa é uma conversa entre eles, para mostrar que aquilo não é correto né mostrar o que aquilo ali pode causar, e tentar mostrar que ele se coloque no lugar no outro para conseguir entender que aquilo não é correto e em um segundo momento se isso continuar ou se o caso for muito extremo é chamado os responsáveis né das crianças, conversar né.

K. Tu consegue apontar alguma solução para amenizar ou mesmo acabar com as práticas de bullying dentro da escola?

T13. Eu acho que já que tem algumas várias né, mas principalmente Não adianta só fazer um trabalho com os alunos mas também tem que ser feito com os professores e com os pais é o que eu acho não adianta a gente fazer uma palestra somente com os alunos para eles não fazerem entre eles sendo que em casa eles estão cometendo os mesmos atos seja com o irmão ou com quem for está recebendo de volta, então eu sempre acho que se a gente for fazer uma palestra falando sobre bullying a gente também tem que incluir os pais ali os responsáveis então instigar eles que cada um de nós diferente cada um Tem suas qualidades independente do corpo que a gente tem o lugar que a gente veio a gente tem que respeitar e que isso influi até mesmo no crescimento de cada um, que é brincadeira que a gente está fazendo pode acarretar algo muito mais sério no futuro e falar dessas coisas e que coisa séria são essas não adianta só falar a parte técnica explicativa do que é com termos acadêmicos e não falar a realidade para estigando o colega e esta debochando do colega porque ele é gay tu sabia que no Brasil a cada 40 minutos uma pessoa que foi assassinada tem várias pessoas que tem a opção sexual diferente da tua , tu tem algum parente ou amigos na tua família que tem opção sexual diferente da tua se a pessoa diz que sim Aí tu já usa como exemplo aquilo dali essa pessoa te trata bem Ela é legal contigo então porque tu vai debochar do teu colega se ele é igual essa pessoa esses tipos de ligação

que a gente para eles poder refletir e não só no supérfluo no superficial porque a palestra sobre Bullying tem a todo momento não que todas as escolas façam mas as que eu conheço e fazem e nem todo momento isso é uma coisa que faz eles pensar, só falar o quê que é não adianta tem que fazer eles pensar.

Categorias das entrevistas: Identificação do *Bullying*.

K. A ocorrência de bullying na escola Onde você trabalha?
J2. Na minha escola existe.
K. Como a escola identifica esses casos de bullying?
J3. Primeiro os professores identificam né, em sala de aula principalmente, quando a gente percebe que aquelas brincadeiras tomaram uma proporção não só de divertir, mas que algumas pessoas se sintam incomodada, daí outros funcionários da escola também percebem por que isso sai da sala de aula, também vai para o corredor, no recreio, aí os monitores percebem, depois já vai para orientação, depois direção.
K. Durante suas atribuições na escola você consegue reparar no comportamento dos alunos?
J5. Consigo. Algumas coisas assim eu enxergo como sacanagem e outras não, quando começa a incomodar a gente consegue identificar.
K. Tu consegue identificar qual aluno ou qual grupo de alunos são alvos do bullying?
J6. Sim. Normalmente os mais quietos, normalmente quem não responde eles são mais fácil de ser atingido, quem não tem também assim personalidade, ter força ter instinto de não se abater com aquilo na hora, acho que depende muito da personalidade de cada um, às vezes até as pessoas que são bem extrovertidas, que conversam, participativas esclarecida, não consegue, e quem é tímido tem mais dificuldade ainda, eu já notei isso.
K: tem ocorrência de Bullying na escola onde tu trabalha?
T3: sim bastante, assim a gente ate tem feito algumas palestras né no decorrer do ano, normalmente tem uma por trimestre pelo menos não só sobre bullying

mas , até no fim do semestre passado a gente fez mas assim, entre os alunos, e ta muito presente né ate ali assim na faixa da adolescência .
K: e como a escola identifica os casos de bulliying?
T4: normalmente a gente tem uma orientadora educacional na coordenação que esta sempre incentivando os alunos a falar, falar qualquer tipo de agressão que eles tenham sofrido por um colega, qualquer atitude que eles não tenham gostado, a coordenadora educacional, chama essas crianças para conversar com elas para saber o que esta acontecendo, dai muitas vezes a gente identifica esses casos de bulliying.
K: Durante as tuas atribuições na escola, tu consegui reparar no comportamento dos alunos?
T6: Olha principalmente nas aulas de dança prática assim eu tenho reparado uma diferença grande do inicio para agora, faz 3 anos que estou na escola, e neste 3 anos mudou muito, principalmente porque a dança por si só ela já é corpo ela já de coloca por si só num status de exposição né aos outros colegas , então o respeito de uns e outros pra mim já é extremamente importante que eles me respeitem, até porque se eles não sabem o que respeito para eles , jamais eles vão me respeitar, então para que essas atitudes de bullying não aconteça nas aulas, não fiquem debochando dos colegas né, porque um consegue fazer ou porque o outro é gordinho ou magrinho e ai historicamente na dança já é exigido entre aspas né mas agora já vem mudando depois da dança moderna que é um corpo padrão isso eu também já venho falando em minhas aulas e fazendo de tudo para isso mude.
K. Tu consegues identificar qual aluno ou grupo de aluno são mais frequente se envolverem em casos de Bullying?
T7. Com certeza. I é bem complicado isso, porque é uma coisa que eu fico extremamente chateada, mas tem que saber lidar né.
K. Tu acredita que nas tuas aulas de dança têm mais probabilidade de acontecer o bullying?
T16. No geral acontece em todas as disciplinas umas acontece mais outras acontecem menos depende da forma como eles lidam com aquela aula e como eles se relacionam ali no momento daquela aula e como o professor vai administrar nas minhas aulas o que eu sinto é que no início era muito mais porque eles não tinham esse conhecimento em vivência prática poucos tinham porque meus alunos de escola pública poucos tinham acesso à arte cultura onde terá dança fora da escola então eles começaram a ter essa experiência ali dentro então no início só o fato deles saírem da frente do quadro e desconfigurar ali o espaço da sala de aula para um espaço que não tem classe na brincadeira já é motivo de se chutar brigar de gritar de achar que a aula ia ser uma bagunça só porque estava sendo fora daquele formato depois de um

tempo eu fui trabalhando com ele que não que eu tinha uma rotina tinha um conteúdo que eles deveriam estar dispostos a fazer aquela aula e que eles tinham que principalmente respeitar uns aos outros sempre falo para eles até hoje vocês são 30 eu sou uma só eu não tenho como cuidar de você o tempo todo eu não vou virar as costas para ligar o som ou passar alguma coisa no quadro e vocês estão se agredindo uns aos outros fisicamente ou verbalmente não tenho condições vocês têm que se respeitar vocês gostariam de ser agredidos todos os dias verbal mente ou fisicamente não né eles sabem o impressionante é isso eles sabem que estão fazendo algo errado só que a questão é fazer e refletir as consequências e é isso que eu tenho que fazer com eles eu tenho que estipular uma rotina ali e uma rotina de respeito se eu tiver que tirar da sala eu vou tirar da sala não é só porque eu sou professora de artes que tem aquela perspectiva que tudo é liberal que ele tem que ser inteiro em todo seu ser que tem que ter toda a expressão do mundo não é assim que funciona a gente não pode também liberar tudo e deixar que eles Façam tudo se não vai se repetir aquilo diariamente eles têm que aprender a se respeitar então já aconteceu os casos de eu tirar aluno da sala por tar agredindo outro fisicamente na minha frente e eu não vou também prejudicar uma turma inteira por causa de um aluno ou dois que não estão respeitando os limites um do outro a gente tenta fazer o possível para mudar depois claro que volto ou outra a gente conversa.

K. Você acredita que as aulas de dança seja uma aula com mais probabilidade de ocorrer caso de bullying?

J14. Acho que com mais probabilidade não, acredito que seja igual, porque quem vai fazer na aula de dança vai fazer na aula de matemática e português isso é um comportamento que acompanha eles não importa qual seja a disciplina.

Categorias das entrevistas: Prevenção do *Bullying*

K. E antes de acontecer os casos em algum momento em aula vocês também conversam sobre isso?

J12. A gente nunca age antes do bullying, acho que a gente nunca pensou sobre, a gente sempre descobre depois que acontece, pelo menos até hoje na escola a gente ainda não tomou uma postura, tô falando no nixo que eu trabalho né, em relação as minhas aulas o meu turno de aula também é a noite, é um turno diferenciado a gente toma medidas prévias como fazer palestras, mas não na aula com roda de conversa para discutir sobre isso, talvez porque ainda a gente acredite que isso aconteça com crianças né, mas também acontece com jovens e adultos e a gente tem alunos também de idade bem avançada tem idosos estudando talvez a gente não tenha pensado nisso ainda né em função do público que a gente atende, mas eu acho importante sim.

K. Tu faz alguma prática na sala de aula que trabalhe com o tema Bullying?

J17. Nas minhas aulas a gente faz práticas tipo de observação, tentar reproduzir a trajetória da caminhada da pessoa como a pessoa se identifica, para a gente pegar pequenos detalhes, e analisar a movimentação, para que isso não sirva de deboche por exemplo, mas para a gente entender como acaquele corpo se comporta e porque ele caminha daquela maneira, então é uma outra maneira de ver a mobilidade daquela pessoa da questão da dimensão do corpo daquela pessoa da estatura, como ela troca de peso de uma perna para a outra, é entender basicamente que a gente é diferente, e não é que um seja diferente, todos somos, então a reflexão vai mais neste aspecto, é di perceber a diversidade como um todo, não uma focada que vá humilhar ou constranger uma pessoa é para si perceber e perceber o coletivo, a gente foca muito o olhar para o outro né, só observa o outro mas não si observa no contexto.

K. Na escola que tu trabalha você tem acesso ao material da lei anti bullying do

Rio Grande do sul.
J18. Não tive contato deste material. Se tem na escola nunca soube.
K. Tu ti sente preparada para lidar com bullying, tu teve alguma preparação na escola para os professores saberem como lidar com bullying saber como identificar o bullying?
T14. A gente tem reuniões pedagógicas durante o mês e dentro dessas reuniões a gente conversa muito sobre as coisas que estão dando errado para que a gente consiga refletir e encontrar modos de acertar então bullying casos de violência ou de baixo rendimento do aluno a gente conversando entre nós descobrimos o porquê do baixo rendimento dele às vezes é por estar sofrendo bullying pode ser um preconceito ou uma discriminação diariamente dentro da escola e como são muitos alunos as vezes tu não perceba e ao conversar trocar uma ideia com todas as professoras se comenta olha o aluno tal tá com dificuldade e contigo como ele está nessas conversas entre nós e a gente descobre e vai Presta mais atenção naquele aluno e tenta diagnosticar o que está acontecendo ali chama os responsáveis para conversar a Educadora Educacional está sempre trabalhando junto com os professores e a gente traz constantemente entre nós materiais no grupo do WhatsApp mesmo a gente tem um grupo para os professores do currículo e outro para os professores da área e tem um grupo de todos da escola nesses grupos além de informações sobre coisas da escola a gente também compartilha coisas sobre isso não só sobre bullying mas materiais que a gente acha na internet livros artigos o que a gente vai achando a gente vai compartilhando.
K. Tu tem acesso ao material do programa anti bullying do Rio Grande do Sul?
T15. Tenho acesso dele na internet que os meus colegas me passaram e tem agora também uns novos livros que chegaram Eles vieram para a escola e dentro do material de arte fala sobre a questão do bullying e a questão das diferenças para a gente aprender a lidar com isso dentro da sala de aula.